ANNO XXVI — Nº 37
Rio, 10 de Setembro de 1932
PREÇO: 1$000
FON FON

O peor inimigo...

PRONTO para gozar alegres momentos em agradavel companhia, surge o peor inimigo da alegria, — a dôr, em qualquer de suas formas: **enxaqueca, dôr de cabeça, nevralgia, dôr de dentes, dôr de ouvidos, reumatismo, resfriados,** etc.

Que fazer então? É muito simples: tomar uma dose de

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem prejudicar o organismo.

**SE É BAYER
É BOM**

O conto brasileiro

O homem que teve mêdo

— —— —

ACOMPANHOU com os olhos a quéda do cigarro. E quando elle se perdeu lá em baixo, na immundicie da sargeta, estabeleceu uma vaga analogia... Elle tambem era um cigarro perdido na sargeta da vida...

Achou engraçada a comparação. Mas, logo, succederam-se, rápidas, outras idéas... E, com a cabeça esquecida nas mãos, ficou olhando a noite.

Olhou além. A casa della deveria ficar bem por baixo da estrella grande. Quem sabe ?... Talvez que ella estivesse olhando a estrella tambem...

Riu. A eterna mania dos namorados...

Então estava enamorado ?... Não tinha muita certeza. Mas que aquella menina fôra uma coisa differente na sua vida... isso fôra...

Não sabia por que. Mas, fôra... Era até exquisito que tivesse sido assim, sem que sentisse... E, de repente...

A vida tem cada uma !... Si lhes dissessem que aquella menina ainda seria a sua preoccupação, o seu todo, talvez achasse graça. Acharia, por certo. Tantas outras conhecêra em ambientes mais proprioios a devaneios !... Entretanto...

Lembrou-se de Margarida — Mag, por causa das fitas americanas — de Lenita, de Sylvinha... Tinha sido logo com a outra, tão differente... E si fosse por isso mesmo !... Devia ser. Só podia ser porque era differente. Si não fosse, não se incommodaria. E aquelle beijo...

O beijo... Admirou-se de a ter beijado. E toda a sua preoccupação partia do beijo, do instante supremo em que a tomara bruscamente nos braços...

Si não fosse aquella perturbação de um minuto, continuaria impunemente gozando a sua companheira, ouvindo a sua voz, contemplando os seus olhos, sentindo o contacto delicioso de suas mãos brancas. E ella não desconfiaria. E elle mesmo não saberia. Ficariam naquella ignorancia tão bôa...

Agora era differente. Não poderia voltar a ser conhecido, apenas. Era mais alguma coisa. Ante ella. Ante elle proprio. Desenhava-se, ainda vaga, uma responsabilidade...

E o homem teve mêdo.

Tinha vontade de voltar. Uma grande vontade de lhe tomar as mãos. De beijal-as. E de lhe dizer mansamente: "Ha muito tempo que eu gosto tanto de você..."

Ella se sentiria feliz. Talvez, até, apertasse as suas mãos com muita força, com a sua pequenina força de mulher... E ficariam muito tempo assim... Olhando um para o outro. Esquecidos da vida. Esquecidos de tudo.

Mas, teve mêdo. Pensou na inutilidade de seus esforços. Pensou com horror nesse amante que advinhava tenebroso...

E depois...

Sentiu que qualquer coisa o incommodava. Passou a mão pelos olhos. Alinhou os cabellos. E, com um soluço surdo, fechou a janella.

Não. Elle não voltaria. Não poderia voltar...

— Lá fóra, uma rajada de vento mais forte arrastou pela lama uma ponta de cigarro...

Mauro Barcellos

RESIGNADA CONFISSÃO

Continuação do numero anterior

Porém, observava com a serenidade de santo aquelles abundantes e fartos terrenos onde, certamente, só existiriam trabalho e virtude.

Mas elle desconhecia, pela missão de a todos perdoar, que a pessôa reúne tamanha energia que ella, ás vezes, se extravasa em vingança e odio.

Conversava, então, ingenuamente, com o proprietario daquellas posses sobre aquella magnificencia. E, ás suas vistas, abriam-se campos, levantavam-se montanhas no desabrochante vigor de um eldorado. Gorgeiando, ainda, em alternados poisos, um multigena e irrequieta passarada. Foi nesse momento que uma negra idosa viéra dizer ao seu amo que o almoço estava prompto.

— Faça favor, reverendo.

Joaquim do Amaral acompanhou o hospede ao salão das refeições, o qual ficava amplo e clareado pelas janellas do oitão esquerdo; no lado opposto construiram-se os aposentos para a familia.

Ao centro, a mesa enorme, tão caracteristica no sertanejo, aguardava como symbolo de fartura e de hospitalidade, em variada profusão, a sacra e rara visita.

A tradição de autoridade não permittia que outrem, a não ser o chefe, se assentasse á respeitavel cabeceira.

Porém, alli se encontrava um ministro de Deus e Joaquim do Amaral, pelo seu catholicismo assimilado desde a infancia, comprehendêra que, acima de todas as suas regalias, se achava o poder supremo da religião.

Então, cedeu o posto de honra ao estranho sacerdote.

Este, assim collocado, descobria por um flanco a parte mais florescente daquella povoação e pelo outro iria conhecer, de bem perto, a humanidade.

Uma das portas dos quartos abrira-se, por fóra, pela mão da velha ama, com a chave que lhe entregára seu temido senhor.

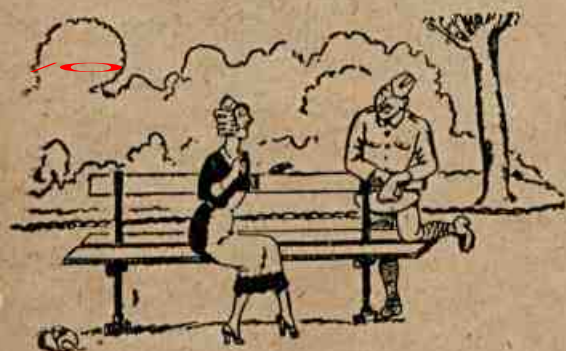
E uma mulher, muito branca e escaveirada, sahiu. Deu bom dia e postou-se frente a frente ao inesperado viajante. Elle, pela estirada que fizéra, pelo sabor sylvestre das comidas e pelo seu unico prazer animal, engulia, com muito gosto e certa ansiedade, aquellas variadas e cheirosas iguarias. Mirava, entretanto, com espanto e attenção, a silenciosa e magra prisioneira que se lhe enfrentava; ainda lhe serviram outros pratos, sobretudo, um de ardente cheiro.

Ao terminar, ella pedira licença e fôra, novamente, trancada e a chave restituida ao seu dono.

Outrem poderia impressionar-se, mas não indagaria da fria tragedia que alli se representava tão comedida e tão naturalmente. Elle era um parocho e pelo seu dever, não examina a plasticidade dos corpos, senão as faculdades que os mesmos contêm. E com a habitual e antiga profissão de confessor vislumbrou as que se debatiam em extorções de agonia e de graduado martyrio, num mirrado organismo.

Do carcereiro poderoso quiz arrancar a historia daquella fraca e singular captiva.

E transferiu para a tarde a viagem.

Pediu a Joaquim do Amaral que lhe mostrasse, em detalhes, a "fazenda" que achára tão bella e tão agradavel.

— Eu já tenho três mezes de serviço.
— Que paciencia!... Pois eu nunca fiquei tanto tempo no mesmo emprego!

FIM

Sei que um dia, entre nós, nada mais haverá.
Este amôr, que nasceu com o impeto das ondas,
um dia morrerá.

E perdido, a tactear em trevas hediondas,
eu não serei jamais, nem a sombra siquer
do poeta que hoje sou, desse cérebro cheio
de tua imagem de mulher,
do aroma do teu beijo e do teu seio!

Não mais recitarei os meus versos á lua,
nem terei, no meu cerebro de louco,
as allucinações de te ver pela rua
sorrindo para mim... sorrindo um pouco,
porque nunca sorriste muito para mim!
Em fim,
morrerão esses beijos que trocamos,
ouvindo as aves a cantar nos ramos...
E não mais poderei, apertando-te os dedos,
murmurar-te aos ouvidos os segredos
que eu inventava para te contar,
como pretexto para te beijar!

De Gentil Pinheiro

Os dois sahiram, a pé, campo fóra, sol já em declinio e com o esvoaçar de algumas aves que buscavam projectadas sombras.

Pouco adeante, elles pararam, em baixo de uma grande arvore.

O sacerdote, pegando pelo braço esquerdo do seu amavel hospedeiro e de vóz branda e lenta, interrogou-lhe:

— Meu bom amigo, perdôe-me, porém, aqui, como na igreja ou em qualquer parte, sempre serei um pastor de almas e um sincero confessor que deseja allivíar as miserias alheias. E, assim, não poderia deixar a sua casa, onde fui, generosamente, acolhido, sem primeiro saber porque aquella mulher, tão pállida e tão doente, está trancada e sentou-se á mesa sem proferir uma palavra e ainda comeu de pratos differentes dos nossos.

Joaquim do Amaral concentrou-se. Baixou a vista e resumiu no largo semblante um immenso e infindavel quadro de odio e desforço.

E vacillou entre o misero segredo e a desejada divulgação.

Não referir a um visitante, apesar de missionario, a grande mágoa que o fizéra retroceder e paralyzar o que daquelles sitios nem um écho deveria sahir, era a sua vingadora vontade e seu dever de homem, tornando-se imperioso.

Comtudo, um mysterio qualquer o impellia a denunciar a historia sinistra, não pelo remorso e sim porque, no representante de Christo, encontraria a justiça de sua dignidade.

Um passaro poisou e gritou *bem-te-vi*.

Aquelle canto fêl-o rever, subitamente, a flagrancia do delicto.

— Reverendo, casei-me muito joven e com uma donzella muito joven tambem. Bastante rico, fui buscal-a na capital. E, senhor de tudo isso, como vê, déra-lhe, pelo amôr que lhe tinha e pela belleza que ella trouxéra, mais do que todo conforto, porém, um céo onde gozasse todas as delicias e eu pudesse, embevecidamente, contemplar e voejar, feliz, ao redor de sua formosura. Mas, o demonio, tambem, surgiu no meu paraiso. Um dia, padre, como me apparece nitido esse dia!, eu estava nos campos e a vi, com seu negro favorito, subirem pelos declives daquella grande serra. De longe, os segui. Que surpreza, meu amigo! Elles, numa das amplas ladeiras, amavam-se. E eu bem divisei um grande tóro de ébano como a rolar na brancura do marfim. Refreei o meu impeto como refreio meu cavallo. Lembrei-me, então, da coragem varonil dos meus antepassados e de que tambem eu era um reflexo vivo daquella gente que recebe de pé a colera do destino e que, não cedendo, melhor, se retempera. E, na calma que todo homem deve ter ante ás desgraças, volvi, sozinho, para casa. Esperei-os. Ella, encarcerei-a naquelle quarto, e elle, mandei amarrál-o e conduzil-o ao local da sua culpa. Lá, ordenei que, ainda vivo, fossem mutilados todos os seus membros e, postos num sacco, trazidos para ser cozinhados e depois torrados. E desde esse dia, aquelle corpo em torresmos, ella tem de comer um bocado no almoço e no jantar, sob as minhas imperdoaveis e vingadoras vistas. E, ao relatar o meu crime, padre, não me confesso, nem me arrependo.

— Meu filho, em nome de Deus, perdoae-lhe!

— Nunca! Porque não haverá perdão para o meu grande amôr e para a minha honra.

A tarde chegou, e o peregrino sahiu, envolvido no asphyxiante mormaço e a pensar, pelo caminho, que, sobre a propria religião, paira, ainda, a animalidade.

Sei que a historia banal e sentimentalista
do meu sonho de artista
e de tu'alma louca,
um dia ha de acabar como as outras historias,
frivolas, futeis, transitorias,
de todo o amôr, de todo o beijo e toda a bôcca !

Sei, prevejo esse adeus que virá um dia,
nalguma tarde de tristezas incolores,
nalguma tarde fria,
quando o vento levar as folhas pelo chão
e haja em tudo negrores
e em tudo solidão...
Sei, prevejo esse adeus !
Os labios teus
beijarei no momento da partida,
no silencio da nossa despedida !..

E não terei, jamais, o aroma siquer
de tua carne moça de mulher...
E viverei a tactear em trevas hediondas !

Sei que um dia, entre nós, nada mais haverá...
Este amôr, que nasceu com o impeto das ondas,
um dia morrerá !

OSWALDO GOUVÊA

NA CASA DE DISCOS — O patrão. — Quanto tempo esteve a senhora no seu ultimo emprego?
A candidata. — Desde "Ramona" até "Na Pavuna"...

DEPOIS DAS CONFIDENCIAS...

NAS trevas que os projectores electricos difficilmente varavam, o transatlantico *Northumberland* erigia sua gigantesca silhueta de seis andares, que não era mais que um ponto insignificante na immensidade do oceano. Em torno, as ondas, agitadas, se cobriam de branca espuma, e sobre as aguas dançavam — como irrisorias cascas de noz — chalupas, canôas carregadas de homens, de meninos, de mulheres que se chamavam entre si, que supplicavam, que soluçavam.

O paquete a bordo do qual, até poucos minutos antes, todos se consideravam em segurança, roçára numa pedra ou num despojo submarino, e, apesar das bombas, o mar invadiu os porões e fez saltar as comportas. Naquelles preciosos instantes a agua, insidiosa, ia alcançar o compartimento das machinas, para provocar a explosão final. E, emquanto o radio telegraphista lançava, incansavelmente, aos quatro ventos, seu sinistro S. O. S., os officiaes — como era seu dever — procuravam manter a ordem entre aquella multidão espavorida.

Arrancado ao somno, despertado, como todo mundo, pelo lúgubre alarido das sirenes, Jayme de Frévols abandonou em pyjama sua cabine e ajudou a impedir o panico entre aquelle rebanho assustado.

Agora todas as embarcações havia sido baixadas á agua, e ainda restavam umas cincoenta pessôas a bordo. Não havia mais tempo a perder: Jayme desceu ao longo de um cabo e se atirou ao mar. Nadou rapidamente, para afastar-se o mais possivel do redemoinho vertiginoso que ia provocar a submersão do magnifico palacio fluctuante. E cinco minutos depois — cinco minutos que lhe pareceram eternos, — quando se voltou para olhar atraz de si, só percebeu um oceano deserto, com reflexos côncavos e convexos da clara lua, emergida de entre as nuvens.

Muito longe já, o *Northumberland* erguia sua prôa trágica como um braço supplicante.

Jayme nadeu lentamente, sustentado por um salvavidas. Sentia-se hirto, e já começava a temer que as forças o abandonassem, quando tropeçou com uma canôa fluctuando á mercê das aguas.

Rutilante, rangendo os dentes e depois de penosos esforços, poude, emfim, subir a bordo da frágil embarcação, e verificou, com surpresa, que outro ser humano jazia, exámine, no fundo da canôa.

Em que pese ao seu proprio esgottamento, nem por isso deixou de soccorrer aquelle companheiro, ou, antes, companheira, pois se tratava de uma mulher. Apenas voltou a si, ella explicou, em inglez, que todos os occupantes da canôa, homens da tripulação do *Northumberland*, em sua maioria, se haviam atirado ao mar para alcançar uma chalupa a motor que passava pelas proximidades, e, quando ella quizéra seguil-os, um marinheiro a atirára brutalmente ao fundo da canôa, roubando-lhe uma bolsa de couro onde ella guardava suas joias.

— Valiam duzentos e cincoenta mil dollars — concluiu a mulher, com um suspiro de pesar.

— Ah! — exclamou Jayme, sem maior enthusiasmo. — A senhora é mistress Webb?

Effectivamente, acabava de reconhecer a riquissima americana que passeava, desdenhosa, altaneira, pelo convez do *Northumberland*, seguida de uma cohorte de admiradores. O marido era *rei do milho* em Texas, e essa realeza financeira havia subido á cabeça de Grace Webbe. Immediatamente, e ainda que sua tez clara e seus olhos violeta a fizessem verdadeiramente formosa, Jayme de Frévols sentira profunda antipathia por aquella mulher presumpçosa.

Franco, espontaneo, o joven engenheiro costumava manifestar seu pensamento. Um dia, em que almoçava em uma mesa proxima á de Grace, ouviu esta affirmar, em tom que não admittia contradicção, que os americanos constituiam a raça mais nobre, mais photogénica e mais intelligente do globo. E o joven francez accrescentou, sufficientemente alto para ser ouvido: "... e a mais jactanciosa".

A bella viajante lançou a Jayme um olhar irritado, e, evidentemente, desde então, lhe professava sólido rancor.

CASCATINHA

Cascatinha...
Chiando, correndo,
Nas pedras batendo,
Branquinha, branquinha,
A agua cahia.
Aos pulos que dava,
Nas pedras batendo,
De dôres chorava,
Suas magoas dizia...

E os homens olhavam
A agua cahindo,
E todos pensavam,
Os chôros ouvindo,
Que a agua cantava,
Que a agua sorria...

E a agua chorava,
E a agua gemia.

Depois, mais adeante,
Cantando, cantando,
No leito suave,
Na areia macia,
A agua corria...

E os homens olhando
A agua correndo

De Jacques Constant

E agora eis que os dois inimigos, cara a cara, em uma pequena canôa, com a qual as imponentes ondas do Atlantico brincavam perigosamente.

Grace reconhecêra tambem o engenheiro francez.

— Oh! — disse ella. — Tenho médo. Tenho muito médo!... Salve-me, senhor Prévols!...

O rapaz procurou tranquillizál-a, mas percebia, ao mesmo tempo, a situação. Achando-se a mais de quinhentas milhas da costa americana, sem viveres, sem agua, á mercê da menor tormenta. Não tinham nada a esperar, salvo a passagem de algum navio que houvesse recebido a desesperada chamada de auxilio do *Northamberland*.

Quando o sol se elevou e veiu reconfortar seus membros gelados, os dois náufragos experimentaram uma sensação de bem-estar. Ah, como rapidamente haviam ficado esquecidas suas antigas querellas! Já haviam simplificado o protocolo e se chamavam familiarmente com seus nomes de intimidade.

Com o calor meridiano começou o supplicio da sêde. Grace, mais fraca, chorava e gemia.

— Coragem, minha pequena Grace!... Indubitavelmente, ha varias embarcações que nos procuram... — dizia elle, procurando animál-a, mesmo que soffresse tanto quanto ella.

— Ah! — disse a americana. — Presinto que tudo terminou. E' o céo que me castiga. Porque eu sou um monstro, Jayme, um monstro abominavel. Jamais confiei isto a alma viva, mas, desde que vou morrer, é necessario que dome minha vergonha e que allivie um pouco meu coração do peso que o opprime...

E, acto continuo, começou uma sinistra narrativa. Antes de ser a esposa do *rei do milho*, Grace fôra casada com Jack Smith, modesto empregado de livraria. Pouco afortunado, ciumento e brutal, o tal Smith se oppunha a que sua companheira se exhibisse em um *music-hall*. Para realizar seu desejo e ver-se livre daquelle irascivel, Grace o envenenou. E quando conheceu Webb, a joven dançava em um *cabaret* de Austen, onde sua situação estava muito longe de ser bôa.

Webb revelou-se muito bom para ella, presenteou-a com joias, um automovel, e a installou confortavelmente. Após dois annos dessa existencia, Grace reflectiu que, si o multi-millionario fosse livre, poderia casar com ella. Infelizmente, mr. Webb se declarára, em toda occasião, adversario integral do divorcio.

Então, bruscamente, a bailarina concebeu a idéa de supprimir sua rival, como fizéra com seu primeiro marido. Com a cumplicidade de uma negra mercenaria, enviou á infeliz fructas envenenadas. E assim se transformou, por sua vez, na senhora Webb.

— Vê você, Jayme — concluiu a formosa e temivel náufraga, — que o que me occorre agora é um castigo do céo...

Pela maneira com que o joven engenheiro se afastou della, Grace comprehendeu que lhe inspirava espanto, horror. Mas os soffrimentos physicos que ambos supportavam deixavam rapidamente para um lado as preoccupações moraes.

Achavam-se já no periodo pré-agonico quando o vapor *Seattle*, que accudira á chamada do *Northumberland*, os recolheu, por fim.

A esposa do *rei do milho* foi cercada de uma deferencia especial. Quanto a Jayme de Frévols, se espantou vendo-o relegado, posto de lado, examinado receiosamente, quasi de quarentena. Apenas o médico de bordo se occupou delle, formulando-lhe varias perguntas singulares.

Quando o *Seattle* ancorou no porto de Nova-York, um sem numero de empregados da Alfandega, de medicos e de enfermeiros se precipitou a bordo. E, apesar de seus protestos, Jayme de Frévols foi mandado para o lazareto e convidado a embarcar no primeiro vapor que se dirigisse para a Europa.

Só mais tarde, muito mais tarde, conheceu Jayme a razão dessa severa medida: a senhora Webb, deplorando suas terriveis e imprudentes confidencias, asseguràra á officialidade do *Seattle* que seu companheiro de naufragio era um louco perigoso e que um estrangeiro indesejavel como elle não devia penetrar em territorio americano.

Iam todos falando:
"Coitada da agua !
Ha pouco sorria...
E agora vae triste,
Chorando, chorando..."

E a agua ia cantando,
E a agua sorria...

A agua branquinha,
Branquinha, branquinha,
Ninguem comprehendia...

Quando ella chorava,
Os homens diziam
Que ella sorria.
E quando sorria,
Os homens diziam
Que ella chorava...

Minh'alma, na vida,
Assim como a agua
Branquinha, branquinha,
Da cascatinha,
E' incomprehendida...
Coitada da agua !
Mil vezes coitada
Da minha vida !...

JANARY GENTIL NUNES

MARTHA VELLIS (Capital) — Sim. Tudo isso é possivel. Mas não me quererá dizer onde está a minha recompensa ?

Oh, santo Deus ! E' possivel que toda gente só queira merecer !...

YEDA LUCIA (Capital) — Creio que foi V. Ex. quem me telephonou ha dias, e a quem falei sobre o assumpto de sua missiva. Ou estarei enganado ?

Cumpre a V. Ex. esclarecer a questão.

FIGUEIREDO DA SILVA (Minas) — Caro poeta. A sua carta é dessas que merecem publicação. Ella possue um caracter vivamente documentario.

Assim, eil-a aqui:

"Yves: com um cordeal bom-dia, o meu pedido de desculpa pela demora com que venho agradecer-lhe a bondade da publicação, na excellente "Fon-Fon", das heresias literarias que lhe enviei.

Agora, outro assumpto: a minha terra, apezar do grande numero de nomes que tem fornecido á intellectualidade nacional, não possue imprensa actualmente. E' um logar pobre, de vida modesta. De modo que se torna mesmo necessaria a emigração dos rapazes que desejarem um maior desenvolvimento cultural. E, dos que lá ficam, poucos tratam desse problema. Isto tudo, para dizer que eu queria mandar-lhe uma lembrança da minha terra. Uma lembrança que lhe fosse, ao menos, interressante: uma revista, um jornal, uma qualquer publicação local, por exemplo. Mas o que os amigos que se conservam na minha terra julgam ser ante eu não lhe posso mandar, sem me afundar num gravissimo "caso de manicomio": são campos de foot-ball, rinks de patinação e box, trampolins, etc...

Entretanto, julgo salva a reputação espiritual do "meu torrão", remettendo-lhe este livro. E' um magnifico repositorio de chronicas sobre fundações e primeiros surtos progressistas de Sabará, colleccionadas e commentadas por Zoroastro Passos, nome sobejamente conhecido e victorioso nas sciencias e nas letras mineiras. E, por isso mesmo, — creio — digno das melhores estantes historico-literarias.

Si V. S. não me confundir com o magestoso Conselheiro que Mestre Eça fez intrometter-se no "Primo Bazilio", tomo tambem a liberdade de offerecer-lhe um poema (!?).

E, caso mereça eu uma resposta sua, rogo-lhe a fineza de se lembrar do pseudonymo "Gato-Minas".

Sem mais, pede permissão para um abraço de amigo o admirador

Figueiredo Silva"

Agora, o commentario.

Agradeço-lhe immensamente a offerta do livro a que se refere. Nella vejo não somente a boa vontade de homenagear-me, e eu me sinto extremamente satisfeito com essa prova de sympathia. Obrigado.

Difficil, porém, é ler a obra em apreço, uma vez que tenho centenas de livros á espera disso, e o meu tempo é exassso demais.

Quanto ao poema que me offereceu, — muito grato. A sua publicidade depende do espaço que se vá fazendo.

ROSA MORENA (Capital) — A sua missiva é dessas que interessam a uma porção de gente, embora, na realidade, não interesse a ninguem. Sim, porque, falando em tantos escriptores, estes não sabem que seja v. ex. e, consequentemente, o interesse que a sua carta possa despertar é, por assim dizer, nullo ou inexistente.

Pode ser que tudo isso esteja muito complicado. Mas, certamente, v. ex. ha de entender o que lhe quero dizer.

Em todo caso, é uma carta de commentarios opportunos, e merece, pelo menos, as honras da publicidade. Desse modo, ella não interessando a ninguem, acaba interessando os leitores do *Saibam todos...*

Lá vae:

"Prezado Yves: Estive uns dias em Bello Horizonte, a terra da roseira mil maravilhas; aqui voltando ha um mez e tanto, encontrei sobre a estante uns numeros do *Fon-Fon*. Uma deliciosa surpresa esperava-me escondida nas paginas do n. 21: a sua resposta! Fiquei radiante! Tenho mandado-lhe diversas cartas, todas iguaesinhas... sendo que a ultima registrei. (Envio-lhe o recibo para v. verificar que nem todas as mulheres mentem...) Descrever a minha grande decepção, quando aos sabbados não recebo uma palavra sua, não me é possivel. Emfim, quero crêr que v. não as recebeu...

Leia o que eu disse nas outras: Orgulho-me ser filha da terra do Berto de Campos. Conheço-o pessoalmente e muito de perto a Rosa Morena que lhe encheu os olhos de cousas lindas como os seus (*delle*) poemas encantadores... não admira pois, que ella seja adorado pelas guapas bahianinhas. Bem o merece. Entretanto, aquelle nariz só serve para atrapalhar. Assim mesmo o n. 23 o traz bem sympathico.

Escolhendo o pseudo Rosa Morena, o fiz, porque sou o ultimo exemplar dessa rara "rosacea", transportado para o torrão carioca, por um descuido imperdoavel de um bahiano distrahido: o meu velho paesinho. Sou muito "disputada"... a amostra (representante na ultima feira) e sempre de melhor qualidade. Isto não quer dizer que eu seja capaz de apaixonar um poeta, pois permaneço uma Eva sem... Adão. Tenhor reflectido muito sobre o "antes só que mal acompanhado."

Talvez a minha letra o faça crêr que sou um adão, por não lhe ter enviado uma carta ocre perfumada como fazem as damas super chics do Rio maravilhosamente civilisado. Estou disposta a lhe remetter algumas provas, ou irei pessoalmente, (com metralhadora pesada) destruir a duvida que v. mantem a meu respeito... Como queira... E v. admitte, que se eu fosse um Adão, lhe mandasse um beijo?... suá... quá-quá...

Obrigada pela homenagem ao meu espirito brincalhão. Creio mesmo que nasci brincando com um pequenino raio de sol que penetrava indiscretamente no quarto da mamã, por um orificiosinho da janella. Dahi, o meu fanatismo pelos dias claros de sol, pelos diamantes e a minha especial adoração pelo poeta estrella: Bastos Portela. E depois meu caro, tristezas não pagam as primiéres do P. Theatro, o chá das cinco, o coiffeur, etc., e a crise é um facto!

Terminei a leitura de "Uma Garçonne Carioca".

Não possúo capacidade para lhe dar a minha impressão, mesmo porque ella terá o valor do zero a direita de 1932... Somente posso dizer que me agradou muitissimo... V. é um grande estudioso e observador; não emprega ter-

mos "escabrosos", cheios de "th" e "ys" que muitas vezes carecem dos soccorros do *Pae dos burros*... E as suas comparações são esplendidas e claras. Seu livro agrada ao mais exigente.

Com que fim Gilberto Veiga escreveu o resumo do seu livro? Apenas mudou o titulo e o nome da figura principal. Ainda assim trocou no começo Helenita por Ducinha.

Quem tiver pretenções de adquirir uma "Garçonne" comprará o resumo por mil reis. Considero isso falta de consideração e não homenagem ao autor. Permitta Deus que eu me engane!

Diga a Gustavo Barroso, (ou João do Norte) que tem em Rosa Morena, uma admiradora fervorosa. Merci!

Breve irei ahi visital-o e adquirir uns numeros atrazados do *Fon-Fon* da minha collecção 931. E' certo encontral-os?

Espero que na proxima resposta v. dispense aquelle "V. ex." que é tão seu amigo e meu inimigo.

Desejo-lhe muitas felicidades e ext... uma porção de cousas bôas e como recompensa me queira bem assim como lhe quer a

Rosa Morena."

PLINIO FERNANDES BASTOS (Capital) — O sr. me escreveu com essa timidez dos incipientes, antecipando coisas desastrosas que podem acontecer.

Manda-me sonetos e prevê que os mesmos vão cair nas profundezas da "cesta".

E é o que realmente está reservado ás suas obras.

Uma dellas — "Esperança perdida" — é já um desastre poetico. Imagine que o seu soneto me dá a idéa de um carro de quatro rodas que arrancassem uma dellas.

Lá se vae elle capengando. Que desharmonia, meu caro!

Mas, diz o sr. na sua missiva:

"Snr. Yves. Saudações. Collocado entre a timidez peculiar aos neophytos na dificilima arte de escrever e a vaidade innata nos homens, dominou-me esta ultima, que ha dias vem desejosa de vêr publicados nos "Fon-Fon", alguns dos sonetos que "lapido" ou brito... Um obstaculo no emtanto, ainda se interpunha ao vehemente desejo: não assigno o "Fon-Fon". Mas, cessado o obstaculo, porque, regularmente vendem aqui sua culta e linda revista, dei emfim completo ganho de causa a minha senhora D. Verdade. E' assim que, mando inclusos a esta, dois sonetos, que julgados pelo seu indiscutivel bom senso critico, irão estorcer-se por seus peccados, nas

SAIBAM TODOS . . .

(CONCLUSÃO)

---

profundezas da "Cesta" ou sorrirem felizes, por "sua bôa conducta ou na gloriosa mansuetude duma pagina de revista. E' possivel satisfazer o meu desejo?

Sem mais, subscrevo-me com estima, *Plinio Fernandes Bastos."*

Muito bem.

Agora, leiamos o soneto a que me referi:

ESPERANÇA FINDA

Minh'alma em desespero denuncia
O fim do que pensei illimitado.
Algo que a mim os braços bons
[abria
Quando tudo me tinha abando-
[nado.

Arvore umbrosa e amiga onde
[cançado
Alentos para as lutas eu fruia.
Segrêdo do thesouro onde encer-
[rado
Estava o ouro de minha phantasia.

Onde os braços que do mal me
[abrigaram,
As arvores que tanto me alenta-
[ram?
E o thesouro de minha phantasia.

Porque de acerbas dores se api-
[nhou?

Porque hoje para sempre se fin-
[dou
A esperança de seres minha um
[dia...

Tenho ou não tenho razão?

"Arrependimento" é o outro soneto. Mas devia ser o sentimento que o animasse, depois de havel-o escripto...

Não, poeta, escreva tudo, menos poesia...

FRANCISCO CARDOSO (Minas) — Não temos espaço para o seu poema. E' muito longo. Mande outro mais curto.

Tivemos aqui nas officinas um encarregado de serviço que, ás vezes, achava os sonetos *muito grandes*. E pedia outros *menores*...

Não terá o sr. um *soneto* em taes condições?

O nosso mal — o mal brasileiro — é a plethora. Tudo, no Brasil, é grande é colossal. Do Amazonas ás producções dos nossos infatigaveis poetas...

Uff!

MARILIA (E. do Rio) — E' muito curiosa a carta que v. ex. me dirige. Pede que *tire* (?) a grafologia... *Tiral-a!* Mas, de onde? De onde se póde extrair uma sciencia, senão do texto sabio dos livros? Não será, certamente, da missiva de uma dama que, aliás, deve ser dura, rija, inflexivel e, portanto, pouco accessivel.

De resto, v. ex. denota ignorar o que vem a ser grafologia...

Eis a sua carta:

"Snr. Yves. Peço-lhe o obsequio de tirar minha graphologia e mandar-me dizer por intermedio de "Saibam todos". Bem sei o quanto isto é cacete, porém sei tambem que o Snr. Yves é mestre neste assumpto, e por isto venho rogar-lhe esta fineza. Desejo que o Snr. diga tudo de ruim, do contrario não me satisfará.

Muito lhe agradeço e envio-lhe um forte abraço

Marilia."

Como vê, virei e revirei, mexi e remexi, e, no fim de contas, nada consegui *tirar* de dentro della... Nem o miolo...

CHATEAU-ROSE (Capital) — Não tenho a menor idéa da sua pessôa. Assim, não direi que seja sympathica ou não, feia ou bonita, bôa ou má.

De antemão, agradeço-lhe o presente que me promette.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 10-9-932

Data da consulta...............

Nome da consulente...............

....

LUCY

CINCO annos tinha a Lucy. Era travêssa e gulosa. Vivia com as mãos e a bôcca sujas de doce.

Ricardo, papae de Lucy, era paralytico. Não falava. Não ria. Não movia coisa alguma além dos olhos grandes, bonitos. Passava os dias no quarto, afundado n'uma cadeira de rodas, que Marianna empurrava com carinho maternal.

Marianna fôra ama da mãe de Lucy ; depois, desta, cujo nascimento custára a vida áquella.

O quarto de Ricardo tinha uma porta ao nivel do pomar em que Lucy brincava habitualmente. Ao centro do pomar, havia uma cisterna, que Ricardo mandára cercar com grade de ferro, e junto á qual fizéra plantar roseiras.

Crescidas estas, alguns galhos ergueram-se por sobre a cisterna, de fórmas que, para alguem colher as rosas nascidas na extremidade de taes galhos, era nécessario subir na grade.

Tarde de Setembro. Tarde azul, florida.

Lucy que, no pomar, se divertia em correr atraz das borboletas, parou, de subito, e, voltando-se para o pae, perguntou:

—Quer uma rosa papae?

Ricardo, ao limiar da porta, tomava um pouco de sól. Com os olhos, respondeu que não.

Porém, Lucy era criança e as crianças são como as mulheres: gostam de contrariar...

Lucy ia apanhando as rosas que podia. De quando em quando, um espinho moderava-lhe o ardor, mas não a fazia recuar.

Nisso, avistou a menina uma linda rosa que baloiçava na ponta de um dos galhos suspensos sobre a cisterna.

—Que linda!— exclamou.

E, sem de mais nada cuidar, começou a trepar pela grade.

Os olhos de Ricardo faiscaram de intensa commoção.

Lucy fez alto. Virou para o pae e gritou:

—Adeuzinho, papae! Uma rosa linda!

Ricardo lançou um olhar de naufrago desesperado para o interior.

Ninguem. Marianna sahira ás compras.

—Que fazer! Como soccorrer a sua Lucy, unica alegria de seus olhos.

Estes traduziam o desejo impotente das pernas que queriam correr, vôar; dos braços que queriam gesticular; da voz gritante que morria na garganta.

Lucy alcançára o cimo da grade. Estendeu o bracinho para colher a rosa. Não o conseguiu. Elevou-se nos bicos dos pés, perdeu o equilibrio e... adeus Lucy!...

O pobre pae, cruélmente immobilizado, tinha a vista injectada de sangue e fixa na cisterna.

Marianna entrou. Ricardo, n'um olhar, fêl-a comprehender o que se passára.

—Lucy! — gritou.

Desvairada precipitou-se. Chegando á cisterna, debruçou-se, olhou e...

Estalou-se-lhe o peito em nervoso riso. Riso em que havia lagrima.

Chorando e rindo, Marianna segurou, rapidamente, a corda de accionar o balde, corda que trazia bem presa á grade, e puxou-a. O balde appareceu. E dentro delle, dobrada, estava Lucy, choramingando. Cahira sentada no balde.

Marianna tomou-a nos braços e, cobrindo-a de beijos, conduziu-a ao pae.

Ricardo tinha os olhos parados e duas grossas lagrimas na face. Deixára de existir...

José Maria Senna

Dr. Antonio Austregesilo. Dr. Miguel Couto. Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se extraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Dr. Werneck Machado.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

NA BARRICADA

A primeira vez que notamos sua presença, através das lentes dos oculos de alcance, ella se encontrava quasi no começo de uma das longas e estreitas ruas que desembocavam na avenida onde estavamos terminando nossas barricadas. A corrente do trafego estava contra ella. Homens, mulheres e meninos, inclinados sob o peso de suas posses, reunidas a toda pressa, enchiam a rua como uma inundação crescente e ininterrupta. Aquella mulher era a imagem, pequena e encurvada, da velhice e da insignificancia, e, no emtanto, attrahia a attenção como a ponta de um periscopio em um mar agitado ou uma boia no meio de uma forte marejada, desapparecendo frequentemente e voltando sempre á superficie.

Mantinha-se no meio do caminho, marchando com o barro até o calcanhar sem perceber a atmosphera de terror que parecia cobrir a cidade chineza como um manto de invisivel neve, avançando para nós com uma curiosa perseverança fanática. Apressou o passo, esmurrando furiosamente, com suas mãos vazias, os pesadamente carregados fugitivos.

As ordens que estiveramos esperando chegaram mesmo naquelle momento. Como de costume, eram breves e terminantes. Diziam assim:

Não se permitta a passagem de nativos pela barricada, sob nenhum pretexto.

Johnny Beale estava no commando da barricada, e logo que assignou a ordem nol-a passou para que nos inteirassemos de seu conteúdo.

Desastrados *coolies*, deante de nossas fortificações, olhavam com olhos cheios de esperança a segurança que offereciam as concessões estrangeiras, do outro lado da barricada. Depois deante de nossa negativa, se retiraram, sorrindo vagamente.

Procuramos com a vista a mulher e a vimos, naquelle momento, sahir da torta rua para entrar na ampla avenida. Com a cabeça para traz e o corpo inclinado para a frente; como si com isso quizesse apressar a marcha de seus deformados pés, continuava seu avanço. Entre aquella multidão de gente sem chefes, só ella parecia ter um objectivo definido. White, o medico do encouraçado "Gloucester", procurou definil-o.

— Essa velha quer fazer alguma coisa séria. Sua casa foi, talvez, incendiada, ou sua familia assassinada. E ella está disposta a vingar-se. Tem uma idéa fixa: a destruição, a morte.

O commandante Beale sorriu com scepticismo, e voltou-se para olhar attentamente a mulher. Na apparencia, era como milhares de outras *amahs*, aias em casas de ricas familias chinezas ou de estrangeiros brancos. De repente sua expressão se illuminou e ella sorriu.

— Já me parecia que a tinha visto antes. E' a *amah* dos Ryan. Chama-se Flôr de Paz. Segundo parece, o bebê terá que passar sem seus serviços esta noite.

Emquanto Beale falava, Flôr de Paz havia chegado ao extremo da barricada, e ao vêl-a, o commandante se dirigiu ansiosamente para ella. A mulher continuava avançando sem vacillações, com a cabeça baixa, até que seus pés tocaram as bolsas de areia. Depois, com toda calma, procurou subir na baixa barreira.

— Ah, não, Amah! — disse-lhe um dos marinheiros de desembarque, empurrando-a suavemente e obrigando-a a retroceder. — Aqui não se póde entrar esta noite.

Sem a menor expressão em suas feições amarellas, caminhou um par de metros e tentou novamente passar. O soldado que a detivera se portou menos amavelmente. Flôr de Paz cambaleou um pouco, lançou um olhar em torno e exclamou qualquer coisa em voz alta.

— Estão vendo? — disse White, que, muito interessado em seu proprio diagnostico, não ouvira os commentarios de Beale. — Ella tem algum projecto. Parece estupido o que faz, mas vá a gente saber a intenção que a impulsiona. Provavelmente, se julga uma Jeanne d'Arc chineza.

Beale apressou o passo, dirigindo-se para ella, com o cenho franzido e passeando o olhar sobre a multidão. Nossa tensão nervosa augmentou em olhál-a, pois sabiamos que pensava na dynamite potencial, que havia naquelle formigante montão de gente desoccupada e faminta. Os chinezes aproximaram-se. Muitos delles chegaram-se á barricada e, ao ser repellidos, se retiraram sem protesto, para tentar de novo passar alguns metros mais adeante.

Mais uma vez Flôr de Paz foi repellida. Agora estava chorando, com suas enrugadas faces convulsas, torcendo os longos e escurvos dedos num gesto de nervosismo, emquanto murmurava palavras inintellegiveis.

Beale acercou-se della, evitando

De M. Mintzer

cuidadosamente toda apparencia de pressa.

— Cuidado, rapazes! — disse, ansiosamente.

Flôr de Paz viu o pequeno espaço deixado no meio da barricada para a passagem e a elle se dirigiu. Os soldados observavam sorrindo a velha amah. Beale estava ainda longe della. Tanto elle como nós sabiamos que todo signal de agitação devia ser reprimido. Na barricada, um joven sub-official riu nervosamente.

— Silencio! — murmurou o commandante Beale.

E nós repetimos a ordem, em voz baixa.

E, nesse momento, um cansado marinheiro escorregou ao repellir um coolie que tentava forçar a passagem, e, recuperando o equilibrio, o empurrou com a culatra do fusil. O coolie cahiu e no mesmo instante Flôr de Paz se lançou contra o soldado que impedia a entrada na passagem central. Houve uma pequena luta, seguida de um grito de dor.

— Mordeu-me! — disse o soldado.

Beale deu um salto para a frente, proferindo uma ordem. Mas um estampido soou e uma chamma sahiu de uma das janellas opposta. Um marinheiro cambaleou e cahiu pesadamente. E, instantaneamente, a horda de chinezes desoccupados se lançou em tropel contra nossa débil barreira, transpondo-a, cahindo em massa sobre soldados, bayonetas e metralhadoras. E no meio da inundação vi a velha amah, lançada sobre a barricada, como uma pelota de trapos velhos, pela onda popular.

Nenhum de nós soube com certeza o que havia succedido. Beale cahiu entre os primeiros, para reapparecer muito mais tarde com um braço quebrado e um longo ferimento na fronte. O joven sub-official que havia rido cahiu sobre as bolsas de areia, ficando inerte. A barricada desappareceu.

Varias vezes, emquanto retrocediamos para o cáes de desembarque, as metralhadoras, collocadas a toda pressa nos humbraes das portas, nos proporcionaram certos momentos de tregua. Chegou a escuridão, só para ser apagada com chammejantes fogueiras. Mais homens desceram dos navios de guerra. Familias que haviam permanecido mais tempo do recommendado pela prudencia em suas casas das concessões estrangeiras, nos seguiam correndo..... ou jaziam entre os escombros. Reconquistámos o terreno até o limite da concessão. Mas, então, havia já muito poucas coisa a salvar.

Quando, pela terceira e ultima vez, recebemos a ordem de abandonar a concessão, Beale estava de novo no commando do que restava do nosso regimento. Passámos correndo uma porta, em meia de uma parede de cimento extendendo-nos a seus abrigo emquanto as metralhadoras nos abriam a passagem na rua que deviamos tomar. A casa, atraz da parede protectora, era um montão de escombros fumegantes.

Beale, segurando-me no braço, levou-me até um pequeno compartimento que, seperada do edificio principal, havia escapado ao fogo. Algo se movia na escuridão, e quando meus olhos se acostumaram a ella, vi uma figura inclinada. A lanterna de Beale alumiou-a, e mostrou-nos Flôr de Paz, sentada a um canto, contra a parede, cantando com voz áspera uma canção de berço de mil annos de antiguidade, para o bebé branco e rosado que dormia tranquillamente em seu regaço...

EXPRESSÃO DE AMOR

MARTHA Ranson indicou com um gesto o novo quadro pendurado na parede da bibliotheca.

—Um authentico Bivelli—disse.

Seu esposo, Jorge H. Ranson, concordou com uma inclinação de cabeça.

— "Retrato de uma dama" — commentou.—Muito interessante.

—Bivelli concluiu o retrato hontem e partiu hoje.

—Para onde?

—Para sua amada Italia.

A joven e formosa senhora inclinou coquetemente a cabeça para um lado.

—Não está mal, hein?—perguntou.

—E' excellente—respondeu Jorge.—Faz justiça ao modelo.

Um semi-sorriso appareceu-lhe nos labios. Era um homem delgado, alto e de compleixão athletica.

—Gostas muito delle?—perguntou, num tom de voz que procurava apparentar indifferença.

Ella dirigiu-lhe um olhar de espanto.

—Falas sério?—disse, por sua vez.

—Sim.

—E póde-se saber qual foi o movel que te inspirou tal pergunta?

—Não ha inconveniente. O senhor Bivelli é um excellente artista. Reproduziu fielmente uma certa expressão em teus olhos que eu não vi nelles desde as primeiras épocas de nossa lua de mel. E, logicamente, supponho...

—E's extraordinario! E si eu estivesse apaixonada por elle?

—Creio que o melhor é pôr as coisas em claro. Seria um excellente tópico de conservação: *uma dama da sociedade, apaixonada por um grande artista estrangeiro, se divorcia.*

—Divorcio?

—Talvez. Continuar casado, ainda que fosse com a mais encantadora das mulheres, perderia para mim todo o encanto si ella estivesse apaixonada por outro homem.

A mão com que Jorge segurava, naquelle momento, o cigarro que fumava tremeu ligeiramente.

—Estás segura de teus sentimentos, Martha?

—Não, inteiramente. Essa é a razão por que Bivelli partiu hoje. Acreditamos que uma longa separação nos demonstrará, talvez, si esta grande paixão é permanente.

—Pessima psychologia, querida. A separação inspirará mutuo desejo de vêr-se e causará a idealisação do ausente. Melhor seria que passasses uma temporada indefinida na Europa. Assim verás Bivelli em seu paiz natal e no ambiente que lhe é familiar. Conseguirias assim uma impressão mais clara e verdadeira do assumpto.

—Seria um escandalo!

—Não me parece. Mesmo nesta idade ultra moderna não és pessôa capaz de esquecer o amor conjugal.

Martha estava visivelmente impressionada.

—Falas sério?—perguntou.

—Creio que sim! Um pouco de velho espirito cavalheiresco misturado a uma bôa dose de moderno senso commum. Vae á Italia. Es-

DESEJO

OPHELIA. — Senhora, eu...

Luis. — Mamãe, ella...

Dona Elisa. — Deveis comprehender que tenho razão em queixar-me... Eu, até agora, não disse nada... As censuras dos velhos sempre parecem impertinencias...

Luis. — Oh!... Isso não, mamãe... Tu tens direito...

Dona Elisa. — A bem poucas coisas, meu filho... E mesmo essas poucas já se vão limitando.

Ophelia. — Senhora, eu lhe asseguro...

Luis. — Talvez, mamãe, vejas o que se passa de um modo bem differente da realidade... As coisas occorrem apenas pela intenção má ou bôa que pomos nellas... Ophelia e eu não queremos incommodar-te. Como pódes suppôl-o?... E' a vida que nos arrasta, e nos leva, e nos empurra...

Dona Elisa. — A desculpa não está mal, mas... a vida não te arrastava antes tambem?... No emtanto, nunca me deixaste só no dia de Anno Novo.

Ophelia. — E' que temos tido tantos compromissos... Desde a vespera de Natal que não descansamos... Estou exhausta!...

Luis. — Como poderemos recusar convites, mamãe?...

Ophelia. — E, além do mais, são festas de beneficio... Passariamos por avarentos, por egoistas...

Luis. — Juro-te, mamãe, que só pensavamos em ti...

Dona Elisa. — E' um consolo... Para vós, mas não para mim... Não pensaes que estou velha e que talvez fosse essa entrada de anno a ultima que passassemos juntos?

Luis. — Mamãe, por Deus!... Que lembrança terrivel!...

Dona Elisa. — A tristeza é a unica coisa que resta aos velhos... A tristeza... e a solidão.

Luis (*um pouco impaciente*). — Mas não nos

De Octavio Roy Cohen

tudo bem Bivelli e si depois desejares ainda separar-te de mim... o caminho te será aplanado.

Ella apertou-lhe a mão.

—Es um bom amigo, Jorge—respondeu-lhe.—Seguirei teu conselho.

Martha preparou-se alegremente para a viagem. Em palavras pelo menos, nenhum fez allusão ao perdido amor e ambos resolveram não falar seriamente do futuro até que a experiencia fosse levada a effeito.

—O melhor é portar-se como pessôas civilizadas—disse Jorge.—E, o elegante... nesta época.

No dia da partida, offereceu a sua esposa um ramo de orchideas, e quando o magestoso transatlantico que a conduzia se afastou do cáes, George dirigiu-se a um café e pediu um whisky com soda... seguido de varios outros. Depois expediu um radiogramma á esposa desejando-lhe feliz viagem.

Nove dias mais tarde, recebeu um telegramma de Napoles. Dizia assim:

"Viagem estupenda. Fui recebida com enthusiasmo. Tiveste uma idéa soberba."

Nas cartas, ambos procuravam apparentar uma intelligente indifferença. Mas, á medida que passavam os mezes, o nome de Bivelli apparecia cada vez mais raramente nas cartas de Martha. Numa occasião escreveu: "Começo a levar este caso a sério. Conforme parece, um italiano, em seu paiz natal, é qualquer coisa que deve ser tomado muito a sério. Tu não mudaste de opinião, não é verdade?"

—"Ainda me conservo sensato—respondeu elle.—Pelo menos, não me trocarás por um homem a quem conheces apenas. E', estupendo esquecer o passado, não é verdade?"

Dez mezes após a partida de Martha, Jorge recebeu outro cabogramma. Dizia:

"A esposa pródiga volta para uma conferencia decisiva. Não esqueças teus occulos de tartaruga para dar ao encontro o necessario ambiente de dignidade."

O transatlantico que a conduzia chegou ao logar onde devia esperar a visita médica antes de atracar ao ao porto á uma hora da madrugada. Mediante influentes recommendações, Jorge conseguiu embarcar ás oito da manhã seguinte e a viu só, em pé junto ao tombadilho, olhando o cáes onde o navio atracava naquelle momento.

Sem ser visto por ella, Jorge a observou com attenção. Depois, aproximando-se rapidamente, a fez voltar-se e a beijou apaixonadamente.

—Isto é para ti—murmurou, com voz um pouco rouca.

Ella devolveu-lhe seus beijos com o mesmo enthusiasmo.

— Amas-me ainda?—perguntou-lhe.

—Até a loucura. E sei que este sentimento é mutuo.

—E' verdade, Jorge. Mas, porque milagre o sabes?

—Por teus olhos, querida. Quando olhavas ha um momento para o logar onde pensavas que eu estivesse, teus olhos tinham a mesma expressão que o pobre senhor Bivelli reflectiu em seu quadro.

---

tens a teu lado todos os dias?... Que importam tres ou quatro que não passemos juntos?

Dona Elisa. — E' que, precisamente, são esses tres ou quatro os dias em que eu mais desejaria estar comvosco... Natal!... Anno Novo!... Reis!... São festas da familia, do lar, de união intima... Alguma vez chegareis a sentir a horrivel dor de passal-as sós...

Ophelia (*levantando-se*). — A senhora me desculpará... Tenho uma coisa a fazer na cozinha: um bôlo que não sei si Maria saberá preparar...

Dona Elisa (*sorrindo*). — Anda, filha anda... Sempre estarás ali mais entretida que ouvindo uma velha queixosa... (*Sáe Ophelia*).

Luis. — Mamãe, eu não queria dizer-te nada na presença della, mas foste injusta... Como vou privar eu de diversões uma mulher joven?...

Dona Elisa. — Sim, filho, sim... Tens razão... Agora, as moças se casam para divertir-se... e divertir os outros.

Luis. — Mamãe!...

Dona Elisa. — Entristeces ao ouvir o que te digo?... Pois mais entristeço eu vendo que depressa me afastaste de tua vida... Hontem, era: "Mamãe querida, eu não poderia viver sinão a teu lado..." Ninguem me afastará de teu carinho"... Hoje, é: "Olha, mamãe, não nos esperes para almoçar, nem para jantar"... Amanhã, será: "Creio que deviamos separar-nos para evitar scenas violentas... Ophelia e tu não combinaes"... Porque havemos de chegar a isso, tenho certeza... E ainda queres que não me queixe!...

Luis. — (*pesaroso*). — E foi para isso que me casei!...

Dona Elisa. — Casaste para o que se casam todos os homens: para ser manejados por uma mulher astuta ou maligna que a primeira coisa que exigem do marido é que elle dê a sua mãe a ordem de despejo!...

FANFRELUCHE

Disposições em contrario...

HA certas ordens nas repartições burocráticas, cuja chronologia já não é possível fazer-se, não podendo aquellas de modo algum se accommodar aos annos correntes.

Não ha director de repartição que, dando balanço em ordens antigas emanadas de dirigentes de priscas éras, não encontre algumas annullaveis por, sobre serem intempestivas, se tornarem inopportunas.

Existem ordens, verdadeiro preceito, verdadeira norma de bôas regras; e recebêl-as do superior é sem contentamento e cumpril-as, um culto ao dever. Quanto as outras, são recebidas por ser o funccionario obrigado a recebêl-as; cumpridas, por ser obrigado a cumpril-as.

Diz um chefe austero que ordens se cumprem, *ainda quando* absurdas! Ha chefes que teem preguiça de usar da razão e negam esse direito ao subalterno. E este, pelo dever funccional, tem de engolir semelhantes ordens, por não poder engolir o chefe!

Oh que differença ha entre um discreto e um tolo! diz Cicero.

E quem manda o outro, por contraste da fortuna, ser um simples auxiliar? E' o caso do preto montado no burro branco... Quem manda o branco ser burro?...

Porém, ordens antigas e absurdas, cuja origem é muitas vezes ignorada, não são observadas só nas repartições burocráticas.

Um amigo, reservista do Exercito, engenheiro civil, de quem na imprensa carioca temos lido artigos interessantes, contou-nos verbalmente um facto passado no quartel de certo regimento, *intermuralis*, o qual a propósito póde ser narrado aqui. Foi assim:

Havia no páteo do quartel um banco de jardim, assento e encosto de madeira, pés de ferro, no qual, por ordem superior ninguem podia assentar.

Chegava o recruta, aproximava-se do banco para descansar, e a sentinella já o advertia:

— Moço, ahi é prohibido a gente sentar.

— Por que?

— Está ahi! Formiga com tosse! Quer saber o porquê das coisas... Moço, vá-se embora, cumpra as ordens e não amolle!

Encolhidinho sahia o recruta...

Com o official inferior ali chegado de outro corpo, era mais branda outra sentinella, um caboclo do matto, inculto mas pernóstico:

— *Seu* sargento, ahi *ninguem não* senta, não! E' pena! um banco tão *bão*...

— Por que?

— São *ordes!*

Já protestava o official inferior:

— Que ordem absurda! Não conhece a origem disso?

— Não, *sinhô!* Isso vem sendo transmittido de sentinella a sentinella, há muito tempo ..

— Sem que se saiba o motivo?

— *Ninguém* não sabe, não, *sinhô!*

E o sargento sahia visivelmente molestado. Indagava de um e outro camarada. Ninguem sabia informar e ninguem providenciava para se ter conhecimento da verdadeira causa daquelle absurdo!

Por ultimo, pretendêra um elegante official subalterno, recem-chegado de outra unidade tomar assento no banco mysterioso, mas a sentinella dirigiu-se-lhe melifluamente:

— *Seu* tenente, desculpa vossa senhoria, mas é prohibido sentar nesse banco...

— Quem prohibiu?

— Não sei, *seu* tenente. E' ordem antiga.

— Não sabe?

— Não sei, não, senhor! As sentinellas vão transmittindo essa ordem de umas para as outras, até que chegou a minha vez. Eu aqui cheguei pouco antes de vossa senhoria...

— E' possivel!? Já se viu maior absurdo!?...

Não se conformando o tenente, foi a um camarada, a outro e nada... Nada descobriu acêrca de similhante ordem.

Resolveu ir falar ao capitão commandante da sua companhia.

Tambem de nada sabia o capitão.

Foram ambos ao fiscal.

Este admirou-se... Nunca tinha ouvido falarem naquillo! Prohibição de assentarem as praças e até officiaes num banco do pateo do quartel? Não era possivel... Havia engano de certo. Quando tivesse opportunidade, conversaria com o commandante...

Era tão tôla a consulta, que só mesmo aguardando elle occasião favoravel para tratar do assumpto. Serviu-se de certa opportunidade e, ainda fóra de propósito, falou ao coronel acêrca do caso.

O coronel nada ignorava pertencente a guerra mas, em referência ao banco, era totalmente ignorante! Ainda não tivéra sciência do accidente!

Sorriu, mandou chamar

A GRANDEZA DA AMERICA DO SUL

Os norte-americanos, de um modo geral, sempre dão mais valor ao seu proprio paiz, quando em confronto com qualquer outro. Por isso mesmo são bastante suggestivas e merecem ser tomadas em consideração as palavras que se seguem, transcriptas de um diario yankee.

"Sabeis que o Perú é do tamanho da Hespanha, França, Allemanha e Italia reunidas?

"Que se poderia metter sessenta Belgicas na Bolivia, apesar desta só possuir uma 3.ª parte da população daquella?

"Que o Chile é tão grande como de Nova York a S. Francisco e tão estreito como o lago Eric?

"Que poderieis metter todos os Estados Unidos, com excepção do Alaska, no Brasil, e sobrarem ainda 200.000 milhas quadradas?

"Que no Brasil ha mais regiões por explorar que em todo o resto do mundo?

"Que 21 republicas do hemispherio occidental se reuniram em Washington, no dia 8 de dezembro, de 1914, e solennemente se comprometteram a não entrar em guerra entre ellas?

"Que na fronteira do Brasil com a Argentina se encontra a cataracta de Iguassú, mais alta e mais larga que a do Niagara?

"Que 70.000.000 de pessôas falam a lingua hespanhola e que é mais importante para as creanças americanas aprenderem o hespanhol que o francez ou o allemão?

"Que em riqueza e recursos naturaes a America do Sul não tem igual em nenhuma outra parte?"

O AMARELLO E OS MOSQUITOS

Os mosquitos, nos paizes tropicaes constituem uma verdadeira calamidade, contra a qual, em vão, tem sido tentados varios meios de defesa.

O professor Shipley, conhecido explorador africano, e a quem muito fizeram soffrer os mosquitos, diz, agora, ter encontrado um remedio infallivel contra os perigosos insectos. Consiste este, em vestir-se o viajante com fazendas de um amarello vivo, brilhante, usar mosquiteiros da mesma côr e, se possivel, colchas, meias, etc.

Os mosquitos — accrescenta o professor — têem horror á côr amarella, cuja vista não supportam.

Ahi fica o original "remedio" contra os mosquitos.

---

sargento mais antigo do Regimento.

O official inferior, realmente o mais antigo no quartel, conhecia a ordem, mas ignorava-lhe a origem. Quando veiu transferido, já ella, havia muito, existia. Emtanto, conhecia um collega, antigo camarada, que serviu durante muitos annos no regimento, o qual talvez conhecesse o ponto de partida daquella ordem.

Estava concorde o chefe. Podia o sargento procurar o outro, onde estivesse servindo, afim de ver si descobria a causa do tal mysterio, fazendo-o participante da novidade.

Quando foi procurado o velho sargento no Quartel General do Exercito, não havia nelle a presumpção de suppôr ter espancado todas as dúvidas acêrca da terrivel questão das origens e resolvido sem restricções os enygmas do Universo; mas, e neste particular não reprimia o seu orgulho, tinha a presumpção absurda de saber a origem da ordem e o caso explicou dogmáticamente:

Pintado o banco muitas vezes, por ordem do coronel (que no ensejo da consulta já era general reformado), as praças não reparavam na tinta ainda fresca, assentavam, sujavam a farda e estragavam a pintura.

Toda vez que *seu* commandante passava pelo páteo, notava estar o banco cheio de manchas e mandava que o mesmo fosse pintado de novo; no fim de contas, um dia ficou damnado da vida e deu ordem á sentinella para não deixar ninguem assentar ali.

Poucos dias depois, foi *seu* coronel promovido a general de birgada, deixou o commando do regimento e a decisão dêlle continuou para a frente! Estava claro que era até seccar a tinta, mas de certo ninguem déra por isso, e c o n t i n u o u para a frente...

Era coisa tão velha que si fôsse madeira, já tinha dado o caruncho!

Achou graça o presente commandante nas explicações dadas e a elle transmittidas com pontualidade e muito cuidado. Só havia dois dias, tivéra sciência do accidente; e, como a ordem fôra de viva voz, resolvêra tambem, verbalmente e de de então, revogar as disposições em contrario...

HORMINO LYRA

Nota do A. — Quem nos contou esta historia garante a authenticidade do caso curioso; não sabe informar, porém, si outrem já tratara do assumpto. Sirva esta nota de anteparo contra o perigo do plagiato.

Pó de arroz Royal Briar
de qualidade extra-fino
é usado por todas as senhoras
elegantes,
e conhecido no mundo inteiro
ha mais de 100 annos.

caixa

6$000

Á VENDA EM TODO O BRAZIL

ANNO XXVI — FON-FON — NUMERO 37

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1932

GAROTA

DEPOIS daquelles dez minutos vertiginosos e assustados que você me concedeu no tumulto envolvente da Avenida, eu fiquei pensando, emocionado e entristecido, na melancolia dos destinos sentimentaes da mulher, quando a vida derrama um pouco de belleza no seu espirito inquieto.

Você, garota deslumbrante e luminosa, de olhos que affagam a sensibilidade dos homens desilludidos, você, que vae casar, que vae ter, tambem, o seu prosaico *maridinho*, não nasceu para um destino de pássaro engaiolado... na prisão do matrimonio.

Não é que, ás vezes, essa prisão não seja interessante. Mas é que o casamento mata a flôr da illusão, estrangulando a innocencia e diluindo, amargamente, os encantos da mocidade. E você, garota linda, você não póde, não deve envelhecer. Seus modos estouvados, seu sorriso de criança travêssa, sua doce ingenuidade precisam ser sempre livres desses preconceitos tolos que a sociedade impõe, tyrannicamente, ás senhoras casadas.

A velhice, garota, não é só o peso dos annos, ou o cansaço da existencia. Não é só a prata dos cabellos brancos, ou o desenho impiedoso das rugas disfarçadas pelas tintas que imitam o sangue da juventude. A velhice não é só a marca da antiguidade, não é só a experiencia encanecida, não é só a apparencia do *muito usado*... Tambem o desengano é velhice. E' velhice, tambem, o desencanto da vida.

Casando-se, você perderá o atrevimento espiritual que illumina, gloriosamente, os seus dezoito annos de boneca. Casando-se, você terá médo de brincar com esse outro garoto perigoso que anda de flecha nas gravuras da mythologia e de revolver na imaginação da mentalidade moderna. Casando-se, você conhecerá a realidade do amor, que tem feito a desventura de quasi todas as mulheres intelligentes. Casando-se, você não ha de querer que eu continúe a chamál-a de garota... Deixará de ser a criança estouvada, para se tornar a "digna esposa do senhor Fulano"... Andará sempre com receio da maledicência e da alcovitice alheias, que não têm limites no estreito limite da tyrannia social. Fugirá da fascinação das ruas e dos olhos indiscretos das multidões. Abandonará, por prudencia, certos hábitos que eu tanto admiro em você, garota festiva e alegre. Forçará o seu irrequieto e sonoro temperamento. Suffocará os seus sonhos de artista empolgada pelo tumulto das paixões humanas. E chorará de saudade e de angústia pelas horas lyricas que a sua sensibilidade perdeu.

Você ha de mudar, garota! A vigilancia e as censuras do mundo aniquilarão toda a sua radiosa e fulgurante simplicidade. Você deixará de sorrir como garota... E' sua voz de velludo e crystal não mais poderá encher de harmonias o coração e a esperança dos homens.

Como é triste a gente saber que você, casada, precisará pedir licença para ser alegre, para ser bonita, para ser ingenua e doce! Precisará pedir licença até para encantar a sorrir com a sua rutilante personalidade de garota!...

MARTINS CAPISTRANO

Robe du soir en fleur de soie blanche.
Petit vêtement sans manche garni de zibeline.

(Photographias da Casa Jean Patou)

especiaes para FON - FON).

Robe blanche. Manteau de velours rouge. Zibeline naturalle.

TREPIDAÇÕES

Carlos Alberto, o intelligente filhinho do casal Hilton Fortuna e d. Aser de Lima Fortuna. Está «posando» para... um instantaneo...

O sympathico rapaz e mais a bella esposa eram assiduos frequentadores dos banhos de mar.

Surgiam alegres na embocadura da rua que vae ter ao posto *chic* de Copacabana, atiravam-se sobre a areia, e esqueciam as horas para a delicia das manhãs de sol festejadas com beijos, singelamente, como si estivessem praticando a coisa mais natural do mundo... Palavra como tinhamos inveja...

Ao nosso lado, fervilhavam os commentarios, achando uns que aquillo de beijos em pleno ar livre era uma pouca vergonha; outros, menos exigentes, julgavam que o rapaz estava com a razão. Ella merecia ser beijada... Agora, si o marido podia usar do direito de oscular a esposa, dentro e fóra de casa, isto dependia...

Mas, certa vez, *madame* appareceu na praia sem estar acompanhada do maridinho, facto que causou estranheza. Nos dias seguintes a mesma coisa, isto é, *madame* sempre só.

Onde estaria o esposo?!... Atarefado com os negocios? Viajando?...

Agora é tão difficil aos maridos bilontras o recurso das viagens estrategicas a S. Paulo... Nada disso. O rapaz está desfructando os seus ocios no Rio, e nem siquer abandonou o habito de frequentar a praia de Copacabana.

A unica mudança que se operou foi a seguinte: agora *madame* vae ao banho sem o marido, e este se diverte com outra creatura numa róda um tanto esquisita...

Madame parece que está conformada com a nova situação, mas, ou muito nos enganamos, ou, então, qualquer dia vae dar substituto ao marido. Alto, moreno, olhos pretos, corpo forte, maneiras fidalgas, vestindo-se bem... Confére.

Camarada de sorte!

CIDADÃO pacato, amigo da familia, etc. e tal, metteu-se numa aventura perigosa, e agora não sabe como sahir della. Foi o caso de uma sessão de cinema, pelas cinco da tarde, especie de divertimento clandestino antes de recolher-se ao lar, para cahir nos braços da esposa...

Pois, de quando em quando, o cidadão pacato tem vontade de apreciar uma *estrella* da téla e vae quietinho, sem bulha nem matinada.

Uma «pôse» de verdade. Tambem Luiz Octavio, filhinho do sr. Joaquim Antunes de Figueiredo Meirelles e de d. Corina de Guimarães Meirelles, sabe muito bem que é photogenico.
(Galeria Irmãos De los Rios).

Flavio Alberto, um garoto bonito de Porto Alegre, onde desafia os Petronios de sua idade... E' filho do casal Flavio e Rosoleta Netto.

Entra, escolhe uma poltrona em posição estratégica, e deixa-se ficar até a hora do jantar.

O outro dia, calhou sentar-se ao lado de uma loira de olhos azues, uma boneca capaz de tentar um frade de pedra. Olhou, conversou e... era uma vez a historia de um cidadão pacato...

Depois do cinema, teve necessidade de procurar, pelo telephone, a boneca loira. Depois das palestras pelo telephone, umas visitas apressadas, rapidas, porque era prudente evitar o encontro com o dono da casa. Acontece, porém, que o responsável pelos gastos da pequena renunciou ao titulo, por circumstancias ignoradas.

O cidadão pacato teve, então, a felicidade de installar-se como substituto legal, isto é, passou a responder pelas fantasias da boneca loira.

Mas, as bonecas que falam têm exigencias capazes de deixar um cidadão em camisa, na praça publica.

O nosso heróe não chegou a esse estado, mas, quando procurou o dinheiro depositado no banco, elle se havia evaporado. Sem dinheiro, ficou tambem sem a boneca. E, quando quiz reconquistar as doçuras do lar, verificou que estava tambem sem esposa. Realmente, a desgraça nunca appareceu desacompanhada...

A Academia Brasileira de Letras, em face da renuncia irrevogável do seu presidente, dr. Fernando de Magalhães, acompanhado na sua attitude pelos seus collegas da mesa do Petit Trianon, elegeu a sua nova directoria, logo proclamada em 2.º escrutinio, e que ficou assim constituida: presidente, Gustavo Barroso; secretario geral, Olegario Mariano; 1.º secretario, Adelmar Tavares; 2.º secretario, Antonio Austregesilo e thesoureiro, Luiz Carlos. O resultado dessa eleição, na illustre companhia, foi particularmente grato para os que trabalham no FON - FON, de que Gustavo Barroso, o novo presidente daquelle cenaculo de immortaes, é o digno e querido redactor-chefe. Nome dos de maior realce nos circulos mentaes e culturaes do Brasil, com projecção brilhantissima fóra do paiz, Gustavo Barroso, no alto posto que lhe foi confiado pelos seus eminentes pares, saberá honrar e cada vez mais enriquecer o patrimonio intellectual e moral da Academia Brasileira de Letras, bem ajudado, que será, na sua nobre missão, pelos seus illustres companheiros de directoria. Na gravura acima, vêem-se o novo presidente da brilhante corporação, ladeado pelos seus collegas Olegario Marianno e Adelmar Tavares, respectivamente secretario geral e primeiro secretario da casa.

Por motivo da assignatura do Tratado de Extradicção entre a Suissa e o Brasil, recentemente realizada nesta capital, o ministro daquelle paiz e a exma. sra. Albert Gertsch offereceram, no Copacabana Palace Hotel, um banquete em honra do sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, tomando parte no mesmo varios diplomatas e autoridades brasileiras.

Estrada de Damasco

CARTA DE MULHER

MEU querido chronista — Você, meu caro amigo, você, no ultimo sabbado, fez-me rir, mas rir de verdade, gostosa e regaladamente. Isso emquanto, ao mesmo tempo, eu tinha uma penna doida dos homens, deante do futuro que os aguarda, conforme você pintou, fazendo bom humor á custa da sua e da desgraça da gente do seu sexo, meu anjo.

Você, Elcias Lopes, tem uma qualidade que lhe invejo. A gente sente, através do que você escreve, que não é feliz, que é um homem desilludido da vida, dos outros homens e até das mulheres, que, como eu, deverão ter uma profunda sympathia espiritual por você. Gryphei o "espiritual" sem segunda intenção e porque sei, por ter ouvido dos que privam com você, que o seu attrait personel est fort seduisant.

Aliás, já a Sylvia Moncorvo, escrevendo a seu respeito, disse que você era um fidalgo, um aristocrata para quem o mundo já nada vale, ou coisa semelhante... Un prince charmant et blasé... Mas, o que admiro em você é esse geitinho que você tem de doirar com o oiro da vérve delicada e fina as pillulas mais amargas da vida. Você ri da propria dor e, pelo seu processo de alchimia espiritual, transforma em cantação de alegria esfusiante, não raro brejeira, a gottinha de sangue que lhe extravasa do coração com vontade de chorar.

E' singular, isso, não é? Singular e esquesito, francamente. Você dá-me a impressão de um homem que chora quando ri, que ri com os olhos cheios d'agua. Seu beijo deve ser amargo, deve ter sabor de lagrimas quentes, de lagrimas que queimam como a areia combusta lá do seu Nordeste, do seu Ceará, caustirado pelas seccas impiedosas.

Mas, escute, meu querido chronista: sua chronica de sabbado passado — Sexo Forte... é um encanto de verve e de blague. Ri tanto ao pensar em tudo que você alli suggere, que não pode fazer idéa.

E só via a você, que se diz avô e, portanto, homem respeitavel, austero, a acalentar um bebé nos braços, ou na cozinha, determinando o almoço, para a "maridinha", ao chegar, "encontrar le menage en ordre."

Sabe?... e fiquei com uma vontade louca de ser sua querida "maridinha", eu, que já estou bem iniciada para ser a mulher de amanhã, senhora das suas ventas, bancando o homem nas ruas e dentro de casa "no recanto discreto do lar"...

Mas, ao chegar, eu saberia tratal-o com todas as attenções devidas ao "sexo-fragil", á "parte fraca" que você representava, meu amigo. Não lhe bateria nunca, nem gritaria, prevalecendo-me da minha força, da minha superioridade physica. O meu braço, a minha vida, o meu corpo, todo o meu ser se tornaria fragil, mais fragil do que você para que você pudesse sentir que quem foi rei sempre é majestade. Porque, vocês, os homens, meu caro, se enganam muito quando pensam que nós as mulheres, em futuro mais proximo ou mais remoto, pretendemos abdicar da nossa feminilidade. Não: seria abdicarmos, loucamente, do unico attractivo, do encanto unico com que fascinamos a todos vocês. A inversão das leis biologicas e physicas a que se refere você não irá tão longe, não, mon cher prince desenchanté. No coração dos homens queremos reinar sempre como escravas, escravas por força de amor, de instincto, de affectividade. Porque só assim, submissas como escravas, seremos rainha, de facto e de direito.

N'est-ce-pas?...

Como blague é só como blague a sua chronica Sexo Forte... é deliciosa.

(Cont. na pag. seguinte)

Constituiu um legitimo successo artistico, o recital de canto da nossa distincta patricia Henriqueta Guerra Mandim, que attrahiu avultada concurrencia ao Instituto Nacional de Musica. A festejada cantora pretende realizar brevemente uma «tornée» pela Europa, onde terá a consagração das platéas cultas.

ESTRADA DE DAMASCO

(Conclusão)

E, agora, perdôe toda esta expansibilidade de uma patriciasinha que ha muito o lê com agrado e com encanto. Sim? — HELYETTE.

* * *

Helyette — *Li, desvanecido, sua encantadora cartinha. Encantadora e generosa, com os seus potins deliciosos e doces como* marronglacê.

Você, Helyette, dá-me a impressão de ser uma petite fée feita de sol loiro e de céo-azul. E um raio carinhoso e quente da sua graça fez descer sobre mim, sobre minha alma e sobre meu coração de homem na plenitude da quarentena do tempo, mas deslocado, completamente deslocado no pequenino espaço que occupa na vida.

Grato, muito grato a você, em nome do Elcias Lopes, o Saulo *desta pagina.*

Photographia tomada a bordo do «Almanzora», por occasião da chegada da Europa, na semana passada, do embaixador dos Estados Unidos, sr. Edwin Morgan, do barão e baroneza de Nioac e da familia Affonso Bandeira de Mello. O illustre director do Departamento Nacional do Trabalho, que representou o Brasil na ultima reunião do Bureau Internacional de Genebra apparece ahi acompanhado de sua exma. senhora e filhos.

O professor Levy Solal, da Faculdade de Medicina de Paris, no Hospital da Pró-Matre, onde realizou uma conferencia sobre o tratamento precoce da infecção puerperal. O eminente obstetra francez apparece, na photographia, ao lado do seu illustre collega brasileiro professor Fernando de Magalhães, e cercado de outros membros da nossa classe medica.

Era bichêra, meu Deus!

(Conto regional paranaense)

ENERVADA pelos olores do café e dos junquilhos que enchiam os cantos da sala, vencida pela poesia encantadora da noite, eu me levantei do banco onde estivera sentada a assistir o "fandango" e sahi para o terreiro.

Vespera de São João...

O luar vestia de prata a casa branca e azul e o terreiro, limpo, espaçoso, se doirava todo pelo fogo que a lenha, sequinha e escolhida, queimava.

A' roda da fogueira crepitante, a caboclada assava pinhão, aipim, batata-doce e pipoca, cantando, rindo e conversando, numa alegria communicativa.

Um frio muito intenso, mas agradável, excitava mais os movimentos e a criançada, gritando, brincava "de pegá", rodeando a casa, entrando pelo meio da sala, indo até a cozinha, de onde se ouvia, de quando em vez, a voz de d. Carmella gritar: — "Criançada, tenham preposito! Homéssa! Já se viu tanto barulo?"

Sentei-me num banco perto da fogueira e me puz a observar os pares que passavam rentes á janella, constituídos pelas caboclas sorridentes, de lábios vermelhos e vestido de cassa, no seu passo cadenciado dessa nossa dansa regional e immorredoura que é o "fandango", onde sempre geme a viola e suspira a sanfona.

Eu me achava assim distrahida a observar a festa, quando uma criança, que passava correndo, tropeçou no meu pé e cahiu ao comprido no sólo. Levantei-me immediatamente para soccorrêl-a, mas antes que eu pudesse segurál-a, já a garota se tinha erguido e com uma perninha manca, a pingar sangue, se sumira, novamente a correr, por traz da casa branca e azul.

—"Mecê tá veno? Essa gurya parece di ferro! Cae i já se alevanta, cumo se tivesse mola nas perna! Pudera! Foi criada cum leite de porca, pru isso é qui pula ansim!

— Com leite de porca? Que engraçado! Nunca vi um caso assim!

—"Pois intonce mecê veja agora! I se quizé, eu lhe conto a históra dessa criança, qui pru signá é muito triste. Mecê se achegue mais pra bêra do fogo, pruque o meu causo é cumprido e a sinhóra, inquanto ove, vai cumeno uns pinhãozinho que eu tô assano.

"Essa criança eu criei desde os quinze dia de nascencia.

"Mais porem premero eu perciso lhe contá a minha vida, pra mecê comprehendê o resto.

"Eu me chamo Joaquina Sargado. Tenho 4 fias pequena, qui são essa que mecê tá veno nessa correria, uma moça qui tá lá dansano toda diincarnado i mais a Marica, qui foi essa qui caiu um tombo perto di mecê.

"Sô munto pobre, mais dô graças a Deus Nosso Sinhô Jesus Christo, pruquê a gente ainda goza a sua saúdinha. Sô casada, mais é cumo se num sesse, pois desde que meu véio fugiu da cadeia, num sube mais delle.

"Miserave! Quarqué pessôa fazia o qui eu fiz, veno aquella immundicia no meu lá! Cumo eu amava meu isposo! Tudos os carinho, tudos os desejos bom eu tinha pra elle, pruquê só os pensamento bom mora no coração da muié, quano ella ama di verdade.

"Nóis vivia pobre, mais honesto, no nosso trabaio da roça. A Jesuina já tava grandinha, a Juia, a Rosa i a Balbina já ajudano im casa i os moço, o Juca i o José, trabaiava na cidade.

"Quanto a gente aloitava!

"Mais um dia eu vortei do morro i topei a Jesuina a chorá cumo uma damnada... o Antonho, meu marido, tinha "feito má" pra ella! O propro pai! Fiquei loca! Fui pra cidade, fiz quexa á poliça i prendero elle pru muntos anno. Que bem me importava, se eu já tinha odio delle! Que fôsse...

"Fiquei sózinha cum essa fiarada, a mais veia cum 13 anno, a menó cum dez meis! Ia pra roça, lavava ropa pra fóra, me alugava nos "picherão", pra podê criá tudas ella, pruquê os rapaiz, ansim qui o pai foi preso, me abandonaro i a Jesuina vivia na vadiage, sim querê me ajudá, sempre me dizeno — "Bem feito! Trabale! Quim mandô prendê meu pai!"

"Um dia me appareceu nha Fulgença cum nenê nos braço, me preguntano se eu quiria criá elle. Ar. respondi qui num podia, qui já tinha os meu pra criá cum tanto sacrifiço i ella se foi-se.

"Mais porém di tarde vortô ca criancinha, dizeno qui ninguém quiria ella, pruquê berrava munto!

"Di flactip, padecia qui tinha uma gaita na barriga daquella criancinha! Cumo ella chorava sim pará!

"Eu intonce deixei as criança tudo drumino i fui cum nha Fulgencça levá o nenezinho pra mãe.

"Andemo quaje 5 kilometro pra topá ca morada daquella qui nem mãe sabia sê.

"Era uma muié jóve, qui tinha sido "moça" di um inginhero. Me arrecebeu bem.

"Mais porem quano viu a fia, me garrô pulas costa, me impurrô pra fóra, gritano: "Leva essa desgraça daqui! Eu odeio ella! Foi pru causa della qui elle me dexô! Se ninguem quizé essa peste céga, pinche ella no rio!"

"Fiquei horrorizada! Minha Nossa Senhóra! Uma mãe tê odio duma fia, dum anjinho innocente! Qui coração!

"Apertei a pobrezinha nos peito i vortei depressa pra casa. Ella num parava di gritá. Quano cheguei im casa, qui oiei bem, vi qui a pobrizinha era cega dos dois zôinho! I tava cuberta de sujera! Di certo nunca lavaro ella!

"Garrei a gamella, puiz agua quente dentro i dei um banhão nella! Só mecê olhano! A agua saiu preta! I ella num havia geito di deixá di gritá!

"Intão peguei ella, puiz debaxo do lampião i comecei a alimpá a cabecinha. Ella chorava mais forte ainda! Pobrizinha! Tinha um cascão tum grosso di carepa, cumo eu nunca vi! Quano cheguei perto da molera, ahi ella largô um berro que inté me assustô! Olhei o qui era...

"Bichera! A infiliz tinha bicho de vareja por baxo da carepa! Credo, cruz, que horror, pobrizinha!

"Pru isso é qui chorava tanto!

"Minha pena foi tum grande qui inté chorei! Coitadinha! Rezei pra Deus perdoá aquella mãe sim intranha i fiz a criança drumi. Cumo ella drumiu sucegadinha, o anjo!

"Tive di ficá ca pobrizinha; quem haverá di querê uma cega?

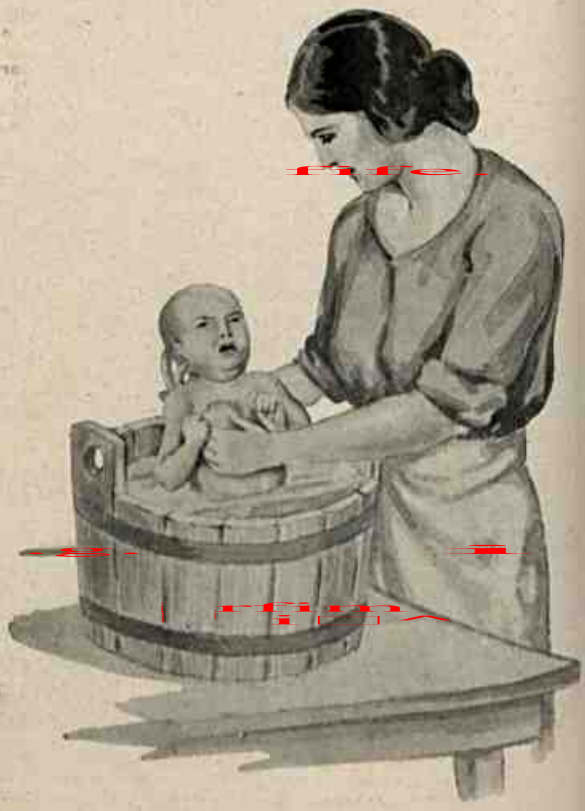
"Deus havi a di me ajudá a criá ella tamem!

"Cumo meu leite tava secco, criei ella cum mingau di mandioca i leite da minha porca, a Rebecca, qui tinha dado cria.

"Magine a sinhóra, qui despois a porca pegô tanta amizade na criança, qui quano ella escuitava chorá, cumeçava a roncá perto da porta inté a gente deixá ella intrá.

"Os anno foro passano. Marica ia cresceno, mais poco pudia me ajudá, pruquê num via!

"Foi intonce que eu sube dos milagres do "tumulo qui chora", de Ponta-Grossa. Mecê oviu fallá?

"Era um tumulo arto qui pingava di riba uns pingo amarellado qui sirvia pra todos os má; pingava uma gotinha dia 2 im 2 minuto i era um mundão di gente pra apanhá. Diziam qui debaxo do tumulo tinham achado o cadavre prefeito di uma moça, qui um padre perverso despois isco...

deu i o tumulo agora chorava di saudade della...

"Quanto milagre! Cego, paralytico, tudo qui provava a agua, sarava!

"Arranjei uma passage i levei a Marica inté lá.

"Que custo pra arranjá uma potta! Tanta gente! Tudo quiria sabê di onde vinha a agua! Chegô um [illegible] um preso i a agua parô. Despois appareceu do outro lado. Ahi, uns [illegible] derrubaro a parte di riba do tumulo i, bem feito! num acharo nada! Foi uma choradeira!

"Eu tive di vortá, mais tinha conseguido o milagre! Marica já via cum zóio, só [illegible] qui eu puiz [illegible]!

"Despois subé que a agua continuô a pingá, porém num pude mais vortá lá.

"A Marica tá se criano bem, é experta i me ajuda tanto!

"Penso qui eu só a mãe di verdade della!

"Quem ajuda os otro, é ajudado pru Deus" — diz o ditado.

"Ajudei a pobrizinha i Deus Nosso Sinhô me tem ajudado, pois me dá saúde i vontade di trabaiá.

"Agora, mecê me dá licença, qui eu vô juntá as as criança i vô mi dispidi do pessoá, pois tá chegano a hora di me arretirá i eu perciso carregá um mundão de canna de riba do morro amanhã... inté otro dia i qui Nossa Senhôra proteja mecê"...

Fiquei adorando aquella mulher, aquella alma nobre de cabocla, alma cheia de bondade, não dessa bondade rica que se ostenta publicamente em rendilhados aspectos, mas dessa outra bondade, carinhosa e meiga, simples e desinteressada, que se nota, a cada passo, aninhada no coração das nossas caboclas, dessas caboclas gentis, comedoras de "ximango"...

NENÊ MACAGGI

Uma nota de grande brilho mundano para a nossa vida literaria foi, sem duvida, o enlace matrimonial da joven e festejada escriptora Conchita Cid, collaboradora de FON - FON, com o sr. Mario Orlando Rodrigues de Carvalho, realizado na tarde de 1.º do corrente, na residencia da familia da noiva, nesta capital. Conchita Cid apparece, no «cliché», ao lado de seu agora esposo.

AMÔR GLORIOSO

Quem póde deter a carreira do tempo, quem póde sustar o vôo da aguia, quem póde reter a avalanche nas montanhas cobertas de neve?

Quem póde suffocar o queixume da ave sem ninho, o grito da mãe que perde um filho?

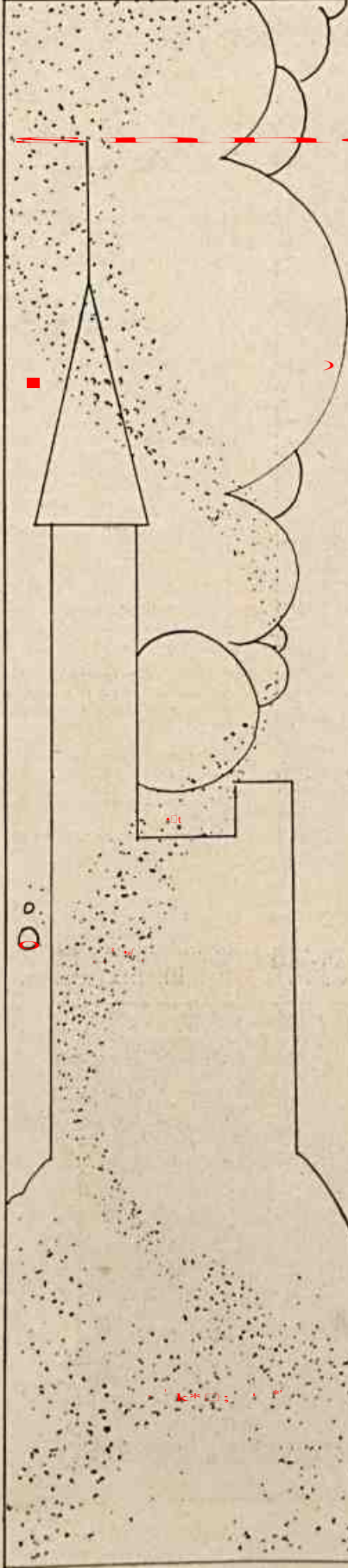
Pois n i n g u e m poderá tambem apagar esse amôr que me arde no peito; ninguem poderá detel-o em sua ascensão gloriosa...

E elle cresce em mim vertiginosamente, alastra-se pelo meu corpo, corre-me ardente nas veias e zumbe em meus ouvidos...

Desabrocha em lagrimas em meus olhos, desabrocha em risos em minha bocca...

Esquecer-te? Não é mais possivel.

Fugir-te? Para que? Pois não te trago no coração, no sangue?

Eu nasci para a gloria deste amôr, fui creada para a tua exaltação.

Tu és o meu destino... Eu sou a tua corôa...

REGINA RIZIERI

As commemorações do centenario de Goethe foram brilhantemente encerradas nesta capital com a festa que a Pró-Arte promoveu no ultimo sabbado, em sua séde da avenida Rio Branco, onde o professor Karl Vossler, da Universidade de Munich, apresentado pelo dr. Max Fleiuss, secretario perpétuo do Instituto Historico, realizou interessante conferencia sobre «A personalidade lyrica de Goethe».

TORRE DA ILLUSÃO

No castello azul do sonho
Recolhi-me, um dia...

(LEOPARDI)

Tudo acabado, vês? Tudo acabado...
Esse amor, infinito como o mar,
Já entrou no dominio do passado,
Pois se extinguiu para não mais voltar.

Sei que ficou apenas o encantado
Minuto de um carinho, de um olhar...
Um perfume do corpo enfeitiçado
Que, fóra da razão, suppuz amar.

Todo desejo, transmudado em sonho,
Imponderalizou a vil materia
Num paraiso magico e risonho.

E hoje, feliz, na Torre da Illusão,
Eis-me, longe da vida deleteria,
A bemdizer nossa separação.

J. A. BAPTISTA JUNIOR

Rendas de espuma

A senhora Laís Lopes Wallace, distincta alumna da professora Nicia Silva, nos ultimos concursos do Instituto Nacional de Musica foi brilhantemente galardoada, conquistando o primeiro premio, medalha de ouro. Com a sua excellente voz de soprano lyrico-ligeira, a senhora Laís Lopes Wallace já ha tempo vem firmando seu nome nos meios artisticos desta capital.

Cabaret

OLA'! Por aqui, Tulio?

— E tu, Marcos? Tambem não estás por aqui?

Sala de cabaret. Jazz-Delirio. Tilintar de copos. Mulheres semi-núas. Fumaça de cigarros. Luzes. Fulgurações.

Marcos, o poeta, convidou Tulio, o esculptor, a tomar logar á mesa que elle occupava. Veiu mais um *cocktail*. Ambos beberam. No centro do salão o reflector punha manchas de côr, luminosas, no corpo esguio da *danseuse*, uma Mata-Hari qualquer. Successivamente, sob o effeito da luz, ella apparecia côr de bronze, azul, um tom rosa, violeta ou vermelha como um coração a sangrar...

Quem fez essa observação foi o poeta. O esculptor opinou:

— E' bôa a imagem. Um cabaret é um asylo de corações a sangrar. E' onde a nossa tristeza se acentúa um pouco na alegria ambiente, no deboche das almas loucas e canalhas... Depois...

— Depois — repetiu o esculptor, friamente.

— Bebemos. Dansamos. Amamos — disse o poeta. Não com o amor longo de annos, e que é tão precario como o de um dia. Amamos com esse amor de uma hora, amor ephemero que, no dia seguinte, não se recorda mais.

O esculptor sorveu um gole do *cocktail* que dançava no copo de crystal. E suspirou, para frisar com entono:

— O amor que é amor não se olvida. A's vezes, porém, é mister fingir que se o esquece. E' preciso convir em que elle nem sempre é feito para a nossa ventura.

Marcos, o poeta, sorriu com indifferença:

— De accordo. O amor e a arte são semelhantes. Na estatuaria, fazem-se as estatuas. Modela-se em gesso a *maquette* de um bronze ou se rasgam, no marmore, as linhas de um corpo de mulher. Que sae dahi? Uma obra-prima. Um dia, essa obra-prima é exposta aos amantes da arte. Apparece um *snob*, um *diletante*, um collecionador de raridades, e leva a esculptura querida. Não é o artista que a vae desfructar...

Outro gole de cocktail. E o poeta ajuntou:

— E' assim no amor. Uma tarde, encontramos uma creaturinha gentil, mas, visivelmente impolida. Veste mal. Pisa mal. Não sabe sorrir. Intelligente, ignora, no emtanto, como se orientar, intellectualmente. Della fazemos uma obra de arte. Uma dama brilhante, de espirito. Uma flôr de salão. Uma creatura capaz de realizar o sonho do homem mais *raffiné*... E que acontece?...

E como o esculptor ficasse calado, fitando o corpo

(Conclúe na pag. 38)

A joven escriptora Julieta d'Oliveira, que acaba de publicar o seu livro de estréa — «Azas de Cêra», onde fixou, em paginas simples, as primeiras emoções da sua intelligencia.

FOOTBALL — O campeonato carioca

O campeonato carioca de «football» offereceu-nos, domingo, um jogo que despertou grande interesse, pela importancia dos adversarios em luta. Foi o Botafogo x São Christovão, que se realizou no campo da rua General Severiano, e cuja [illegible] enchendo de enthusiasmo os «torcedores» do campeão de 1930. Esta pagina focaliza alguns instantaneos desse encontro, que marcou um legitimo acontecimento sportivo.

Mais duas phases do jogo Botafogo x S. Christovão, que movimentou, no ultimo domingo, os apreciadores do sport britannico.

UM CONSELHO DE EXPERIENCIA

Epictéto aconselha a amar sempre o que aconteça, na persuação de que o que os deuses querem é melhor do que o que nós queremos. A *Imitação de Christo* repete o conselho prudente por outra fórma: *Opta semper et ora ut voluntas Dei integre in te fiat*. Mas os homens não repousam á sombra resignada desses axiomas e suas inquietações fazem continuamente estremecer a sociedade, de tal fórma, que Emilio Ollivier exclama: "Os esforços dos agitadores infecundos somente conseguem fazer as bôrras subirem á superficie e jamais conseguirão pôr no mundo um átomo de sabedoria e felicidade a mais do que os contidos na fórmula do estoico pagão e do estoico christão."

Entretanto, a humanidade facilmente se deixa levar pelo palavreado futil e venenoso dos agitadores.

O «DIA DA IMPRENSA»

A data de hoje, apesar dos pesares, deve ser grata a todos os que mourejam no jornalismo, pois assigmala o «Dia da Imprensa».

Relembrando o alto valor moral e social que a imprensa representa, desde Guttenberg, na civilização moderna, como através das passadas, elle põe em relevo, simultaneamente, a importancia da nossa profissão, mais sempre útil ao progresso e aos interesses das collectividades. Não esqueçamos que o jornalista, o trabalhador da penna, é o esforçado e abnegado defensor de todas as causas nobres, das quaes depende o bem commum das sociedades. Infelizmente, porém, nem sempre essa elevada e meritoria funcção é comprehendida e amparada, como seria de justiça. O jornalista, pelo menos em nossa patria, é uma individualidade que nada merece, e a quem nem siquer é dado defender os seus direitos mais sagrados, mesmo quando defende o alheio e se bate por principios e ideologias que só aproveitam a pessoas estranhas ás lides jornalisticas. Nem por isso, entretanto, o «Dia da Imprensa» que hoje passa, e foi instituido pela Associação Brasileira de Imprensa, nos deixa de encher do mais acceso jubilo e do mais justificado orgulho.

* * *

Este anno, o «Dia da Imprensa» será commemorado pela Associação Brasileira de Imprensa com uma solennidade que se realizará á noite, na séde da rua do Passeio, e durante a qual se procederá á leitura de uma mensagem dirigida a todos os jornaes e jornalistas do Brasil, concitando-os a cultivar, com enthusiasmo e fé, os sentimentos de solidariedade profissional.

Na mesma occasião, serão inaugurados, ali, os retratos de José Guilherme e Lima Barreto, e a galeria de jornalistas offerecida á A. B. I. pela Empresa Lux.

Poeta, jornalista, chronista, em summa, homem de letras completo, Oliveira e Silva é um espirito de «élite», votado ao trabalho paciente da arte de escrever. Muitas são já as obras que constituem a sua bagagem literaria, e na qual se destacam as de ficção, que revelam um estylista vigoroso e brilhante. Realmente, quer trabalhando o verso, quer aprimorando a prosa, o creador d'«O vôo interrompido» é sempre uma penna luminosa. Ainda agora é assim que elle se nos apresenta, na sua «plaquette» «Gotta d'agua», onde enfeixou uma série de pensamentos lindos e profundos, e nos quaes, de quando em quando, se sente o fulgor de um espirito anatoliano, vendo a vida através de uma ironia piedosa. «Gotta d'agua» está alcançando um grande successo de livraria.

Um aspecto do enterro do capitão Cicero Góes Monteiro, irmão do general Góes Monteiro e morto em combate na frente do sector de Léste, onde aquelle official commandava o 2.º batalhão do 9.º regimento de infantaria. Transportado para esta capital, foi o corpo do capitão Góes Monteiro inhumado no cemiterio de São João Baptista, sahindo o cortejo, com grande acompanhamento, do Hospital Central do Exercito. Seguraram nas alças do caixão, ao ser este conduzido da camara ardente para o coche fúnebre, os ministros da Guerra, da Fazenda e do Trabalho, o interventor do Districto Federal, o representante do chefe do governo provisorio e o general Góes Monteiro.

OS ACONTECIMENTOS DE SÃO PAULO

Grupo de officiaes do Exercito e da Força P. Mineira, em descanso, no alto da serra de Itaguaré. Carros de assalto em marcha para a linha de frente, no mesmo sector.

Aspectos da lucta em Pinheirinho: Acantonamento do 2.º e 8.º B. I. Posto de Saúde Geral da Brigada Lery. Barraca da casa da ordem do 2.º Batalhão. Acampamento da reserva do 8.º B. I.

Officiaes do 1.º, 2.º, 7.º e 8.º B. I. aguardando a hora de subir a serra da Mantiqueira.

Secretaria do 1.º B. I. da Força Publica de Minas, na fazenda da Gomeira.

Os tenentes Maximiano e Euripedes, respectivamente contador e secretario do 2.º B. I., em sua barraca de campanha.

Secretaria e intendencia do 2.º B. I.

Posto de Saúde do 7.º B. I., em frente ás posições avançadas do Tunel.

Na trincheira do 2.º B. I., ao flanco esquerdo do Tunel.

Posto telephonico do P. C. do coronel Lery Santos, da Força Publica Mineira.

O P. C. do coronel Francisco Brandão, na frente do Tunel.

Os bailarinos Helen e Regis, que acabam de chegar de Paris, onde a sua arte choreographica tem sido applaudidissima, e que dentro de alguns dias se exhibirão para a nossa platéa. Ainda não se conhece o theatro em que se dará a estréa dos dois artistas parisienses.

(Photo Irmãos De los Rios).

SABEDORIA

Quanto maior é o amôr, mais elle é engenhoso em crear grandes prazeres e grandes dôres: é uma paixão de exaggeros que augmenta todas as coisas. *Cerisier.*

* * *

O amôr faria adorar a Deus em um paiz de incredulos. — *Rochester.*

CABARET (conclusão)

ophidico da *danseuse*, que arremedava "A morte do cysne", de Saint Saens, por entre os rostos pallidos e tresnoitados do cabaret, Marcos quasi gemeu, num desabafo estertorante:

— Vae cahir nos braços de um imbecil...

E Tulio, o esculptor, num sarcasmo feroz:

— Millionario, talvez...

Yves

Nadadores brasileiros e jogadores de waterpolo que tomaram parte nas provas das Olympiadas de Los Angeles, como representantes dos nossos sports aquaticos.

O sr. Paulino da Rocha Lima, director da Companhia Hanseatica, foi, ha dias, homenageado com um jantar pelo sr. Carlos D. Bibiano. Tomaram parte no ágape, além daquelle industrial e do amphytrião, os srs. Joaquim Nepomuceno de Moura e dr. Joaquim De Lamare, directores da Hanseatica; Mario Telles, representante do sr. Mario de Oliveira; Ary Amarante, alguns jornalistas e outras pessôas gradas.

FON-FON no cinema

ALMAS CAPTIVAS

DA PARAMOUNT

Interpretes principaes: SYLVIA SIDNEY — GENE RAYMOND — WYNNE GIBSON e ROCKLIFFE FELLOWS

NUM *dancing* onde se reúne gente de baixa esphera, Kathleen Storm, uma rapariga requestada por Kid, que a policia procura, como autor de um assassinio, goza da protecção de Martin Doremus, um pro- dever, empenha-se pela captura de Kid e manda um agente á casa de Kathleen, de cujo depoimento a res- da cidade, logo que o casamento se tenha realizado.

Mas Kid está de alcatéa, ardendo de ciu-

Despedida cruel.

Kid Athenas, garrucheiro contumaz, trava conhecimento com Standish Mc Neil, um rapazola em vesperas de se formar em engenharia, e apaixona-se por elle.

curador districtal que tem ambições politicas e que o arregimentou como um dos seus capangas eleitoraes.

Um capitão da policia, estranho á politica de Martin e fiel ao seu peito do crime praticado pelo "gangester" necessita: No aposento de Kathleen, está com ella Standish, que acaba de desposál-a. Os dois preparam-se para se retirar para sempre mes. Quando o agente penetra no aposento para levar Kathleen, o garrucheiro sáe da sombra em que se dissimulára e atira contra o agente. Depois de deixar sua arma no lo-

(Illustracções do film Almas captivas)

cal do crime, foge o mais depressa que póde.

O policial vem a fallecer, e Standish, preso como autor do assassinio, dentro de um mez morrerá na forca. Kathleen é recolhida a uma prisão de mulheres, proxima daquella em que está preso seu esposo, e alli permanecerá por muitos annos.

O director da prisão, homem de bom coração, de vez em quando permitte que Standish e Kathleen se vejam. Mas o prazo fatal da execução de Standish aproxima-se, e Kathleen desespera-se.

Casualmente, vae parar ás mãos das detentas um jornal que traz a photographia da arma que serviu ao assassinio. Susie Thompson, ex-amante do Kid, reconhece-a como propriedade delle e o revela a Kathleen. A rapariga confia a estranha descoberta ao director da prisão, que logo se empenha por um novo processo, mas a isso se oppõe o procurador Doremus, que continúa sendo o protector do verdadeiro assassino.

As violencias da prisão de mulher.

Felizes.

Esperando commover aquelle homem cruel.

Na vespera do dia marcado para a execução de Standish, Kathleen, auxiliada por um plano concertado entre as suas companheiras de prisão, tenta evadir-se. As metralhadoras entram em acção e uma das detentas cáe morta. Sylvia consegue fugir, mas é capturada a algumas centenas de metros da prisão.

Levada á presença do director, a revolta da detenta contra a injustiça de que Standish está a ponto de ser victima leva ao espirito do bom homem a convicção da innocencia dos dois jovens. Sem demora elle se dirige ao governador do Estado, e, com o apoio de toda a imprensa, procedem-se a novas investigações, que deixam patente a innocencia de Standish e a culpa de Kid Athens. Doremus, o corrupto magistrado, é tambem recolhido á prisão.

Kathleen cumprirá uma sentença de um anno por tentativa de evasão. Mas isso não mais a afflige, agora que ella alcançou a liberdade de seu esposo, e que lhe offerece um horizonte de felicidade e de amor.

DIXIANA

Producção da

RADIO PICTURES

com Bebe Daniels
Everett Marshall
Bert Wheeler
Robert Woolsey e
Dorothy Lee

Gentia-se desprezada por ser artista.

CARL VAN HORN, filho de um agricultor de Luiziania apaixona-se por Dixiana, artista de circo, em Nova Orleans, em 1840. Modo contra o gosto de Montague, um jogador que está apaixonado por ella, ambos se compromettem. Dixiana concorda em deixar a vida circense e seguir o seu noivo, que volta para o seio dos seus paes. Ella insiste em levar os seus parceiros de circo Pewee e Ginger para a velha fazenda. Os velhos Van Horn nada sabem a respeito da vida de Dixiana. Preparam uma festa typica do

Entre os dois corações que a amavam.

Sul para recebêl-a. Dixiana captiva todos com a sua belleza. Pewee e Ginger, entrando francamente nas bebidas da casa, dão um espectaculo, usando os objectos da casa, com optimos resultados. Na confusão, Pewee diz: "Eu poderia ter deixado Dixiana fazer isto — pois este é o seu numero de circo". A sra. Van Horn fica furiosa e põe o trio fóra de casa. Caetano, emprezario do circo, por instigação de Montague, recusa dar trabalho aos artistas. Elles são forçados a ficar na casa de jogo de Montague. Dixiana está zangada com os Van Horn — inclusive Carl, e assim Montague póde arruinal-o no jogo. O plano é limpar Carl. Forçam-no a acceitar titulos de divida de jogo em nome do seu pae. Montague verá que Dixiana se fez "Rainha do Carnaval" por seus aborrecimentos.

Ironias que ferem.

Carl cae na armadilha. Comprehendendo tudo, denuncia Dixiana, deixa a sala de jogo numa grande agitação. Dixiana sorri, dirige-se a Montague, toma o titulo de divida, rasga-o e atira-o na cara do jogador. Dixiana corre para a coroação, emquanto Montague jura vingar-se. Leva-a para o apartamento delle. Carl vae buscal-a e é desafiado para um duello por Montague. Esforçando-se por salvar Carl de uma morte que ella considera um assassinio, Dixiana fecha-o no seu quarto, despe a fantasia e comparece ao campo do duello. Ahi descobre que Montague havia carregado sómente uma das armas. Denuncia a traição. O sacrificio de Dixiana é comprehendido por Carl.

Amor que vence tudo.

UMA GRANDE PERSONALIDADE DA TÉLA

UM dos homens mais difficeis de serem entrevistados ou photographados é Lionel Barrymore. E' muito modesto e mostra relutancia em falar a seu respeito. Evita publicidade, detesta ostentação, e prefere trabalhar nos gravados de agua forte ou ler livros de bons autores a ter que lidar com a adulação popular.

Comtudo, o jornalista que consegue entrevistar este homem arisco e chronicamente calado póde antecipadamente contar com respostas simples e directas ás suas perguntas. Pois a franqueza, e o senso de humor são as suas duas qualidades essenciaes.

A artista que se revelava.

Barrymore tem o caracteristico de falar sem rodeios, pontuando sua conversação com simples sorrisos tempestuosos. Sua conversa é laconica. Apesar de ser um artista de nomeada, elle não tem theorias pseudo-artisticas acerca das producções cinematographicas, e quando póde responder perguntas em duas palavras, jamais usa uma duzia.

Barrymore é inclinado a deplorar o alarido a respeito das vozes como um importante factor no trabalho da téla. Disse elle:

"Uma bonita voz é tudo o que é necessario si estiver ligada com a materia cinzenta e algum magnetismo pessoal. Um famoso actor disse certa vez que mais artistas tinham sido arruinados por bôas vozes do que pelo whisky. Isto é uma grande verdade, sem duvida, pois, muitas vezes, uma bôa voz póde ser um embaraço e não um dote, se é que a pessoa gosta tanto de ouvir sua voz, que não presta attenção á interpretação caracteristica."

Barrymore é mais ou menos um enigma para aquelles que o conhecem. A força dramatica que está nelle, quando no palco ou na téla é, na vida real, coberta por uma suave voz e modos sossegados que desapontam. E' quasi acanhado. Diminúe o valor de seus

Surpresas do amor.

INIMIGOS DOS GATOS — Henrique III da França não podia estar em nenhuma casa onde houvesse um gato e o mesmo acontecia ao marechal duque de Schumberg, governador do Languedoc, e ao principe Luiz de Condé.

A aversão de Henrique III pelos gatos chegou a tal ponto que mandou matar quantos fossem encontrados nos telhados ou nas ruas.

*

A CAMPHORA — A camphora é um producto branco, de aspecto crystalino, que se extrae de uma arvore da China Central, a *cinau momum camphora*.

As glandulas unicellulares accumuladas na raiz e no caule segregam a camphora.

Pela destillação obtem-se da madeira a camphora bruta, que se apresenta sob a forma de grãos pardacentos, e que se refina, nas fabricas européas.

Empregada para uso interno

a camphora é anti-espamosdico vermifugo e anaphrodisiaco.

Externamente, utiliza-se como analgesico e resolutivo.

*

QUEM ERA LEIBNITZ? — Um dos philosophos mais universalmente conhecidos. Nasceu em Leipzig em 1646 e morreu em Hannour em 1716. Escreveu em latim, francez e allemão. Aos 17 annos publicou sua primeira obra de philosophia. Em combinação com Bossuet emprehendeu a união das igrejas catholica e reformista. Não quiz entrar para a Academia Franceza para não abjurar o protestantismo e fundou a Academia de Sciencias de Berlim.

*

OS CAMAPHEUS — Devem-se aos egypcios os primeiros camapheus que os artistas gregos e romanos levaram á perfeição.

O maior de todos os camapheus é o "Aguia de Tiberio", vendido a S. Luiz, rei de França, por Balduino II.

*

ANECDOTARIO — No cabelleireiro: — O cliente. — Não vá tão depressa, amigo. Porque esta soffregnidão em contar-me o cabello?

O aprendiz — Porque ainda não sei cortar e quero acabar antes que o mestre chegue.

---

proprios esforços e fica embaraçado como um estudante quando é elogiado pelo seu trabalho.

Não é genioso. Jamais levanta a voz, aconteça o que acontecer, e nunca perde a calma equanimidade com que maneja todos os detalhes.

E' certamente admiravel vermos uma pessoa apparentemente tão placida em scenas dramaticas, e por meio de sua possante personalidade prender uma audiencia de modo tal que esta fica num estado de pasmo.

Alguem disse recentemente que Lionel Barrymore é o mestre da arte de não actuar. Quando consideramos esta observação, achamos que é uma grande verdade.

Barrymore revive qualquer personagem que interpreta. Perante a téla elle realmente dá a impressão de ser o proprio personagem da historia e não de estar interpretando. Faz por comprehender o papel que vae interpretar e então experimenta pôr este papel em acção. Parece simples, mas experimentemos fazer isto algum dia.

Barrymore, na vida privada, é uma entidade separada de qualquer uma de suas interpretações. E' um homem muito talentoso apesar de socegado. Encanta-se com as pessoas e gosta da vida. Mas toma estas duas coisas socegadamente. Seus habitos pessoaes são simples.

Seus prazeres estão em primeiro logar nos livros e na pintura em agua forte. Seu conhecimento de literatura, especialmente do drama, é vastissimo. Como escriptor, Lionel tem contribuido com um numero de artigos sobre o drama. Em Paris, como pintor, teve um grande successo. E' um musico de grande talento. O que tem feito como actor e como diretor todo mundo o sabe.

Barrymore é provavelmente um dos homens mais talentosos em filmes, actualmente. Poderia ter sido um grande pianista de concertos ou um grande pintor, mas preferiu ser um grande actor. Parece esquisito que um homem de tantos dotes seja tão modesto.

Talvez o conhecimento de seu valor torne desnecessario o "bragadoccio" que é a arma dos fracos.

Barrymore é um homem extremamente tolerante. Sua unica prevenção é contra a estupidez. Não póde supportal-a em ninguem na téla, no dialogo, em dramas, em artistas nem em directores. Sua penetrante intelligencia explica seu horror por banalidades e sua superioridade ao extravagante louvor que frequentemente ampara artistas de menos valor.

Assevera que o exito no cinema é como o exito em outros campos de acção, isto é, a recompensa pela intelligencia ou simplesmente um pouquinho de bom senso.

Escriptores e livros

Chermont de Britto — A ALEGRIA DO PECCADO — Editor A. Coelho Branco F.° — Rio — 1932 — 5$

ESCRIPTOR lido e apreciado, Chermont de Britto acaba de publicar um novo romance, cujo desenrolar está ligado ao suggestivo titulo do livro. Quem abre o volume, espanta-se com a scena do primeiro capitulo, demasiado forte pelo excesso de detalhes. Uma noite de nupcias coloridas com nervosismo, e, por isso mesmo, capaz de ferir a sensibilidade dos espiritos pouco affeitos á brutalidade da vida. O choque entre a pureza de Dora e o sensualismo selvagem de Adolpho prepara o espirito do leitor para adivinhar a sorte da heroina, um typo de menina da sociedade carioca, mui commum. O autor, dispondo de imaginação, não teve difficuldade em armar scenas que, seguindo o seu curso natural, vão ter a um desfecho logico. A alegria do peccado quasi sempre tem ephemera duração. No amôr peccaminoso, o epilogo tem o travo amargo da tragedia.

No romance de Chermont de Britto, a heroina acaba a sua vida nos braços do amante, o que não é, positivamente, uma nota alegre para os que têm a volupia do peccado.

O trabalho do joven escriptor paraense agrada, prende a attenção do leitor.

Apenas o autor se descuidou da revisão do livro, que contém uma série de *gatos* que arranham os nossos nervos...

Zeferino Brazil — BOHEMIA DA PENNA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

UM apanhado de chronicas sobre os mais variados assumptos, eis o volume de Zeferino Brazil, nome que merecidamente se destaca na imprensa gaúcha.

Dispondo de um espirito maleavel, de penetração aguda, o autor sabe fixar e explorar os diversos themas com agilidade e mesmo elegancia, despertando por isso a curiosidade e o interesse do leitor. E, através das paginas do livro, descobrimos tambem a sua admiravel cultura, discorrendo com segurança sobre homens e coisas alheias ao nosso meio.

Bohemia da penna, titulo feliz que diz perfeitamente com o conteúdo do volume, prosa esparsa, naturalmente colhida das columnas do jornal, para uma vida mais longa.

Olympio Guilherme — HOLLYWOOD — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

OLYMPIO GUILHERME partiu para os Estados Unidos com os olhos postos em Hollywood, o maior centro cinematographico do mundo. Tinha o proposito de figurar entre os profissionaes da téla, mas fugiu-lhe o sonho das mãos. Regressando, desilludido com o que viu, trouxe na sua bagagem um livro. E si o Brsil perdeu um artista de cinema, ganhou em compensação um excellente escriptor, o que, aliás, não temos em quantidade.

"O publico habituou-se a vêr uma Hollywood descuidada e bôa, ás vezes leviana, outras vezes infantil, mas sempre alegre e sadia, eternamente risonha, que embolsa salarios de dez mil dollares por semana, que se divorcia duas vezes por anno e impõe ao mundo inteiro, com a mesma facilidade, tanto os costumes por que se devem pautar as sociedades, como os figurinos da proxima estação.

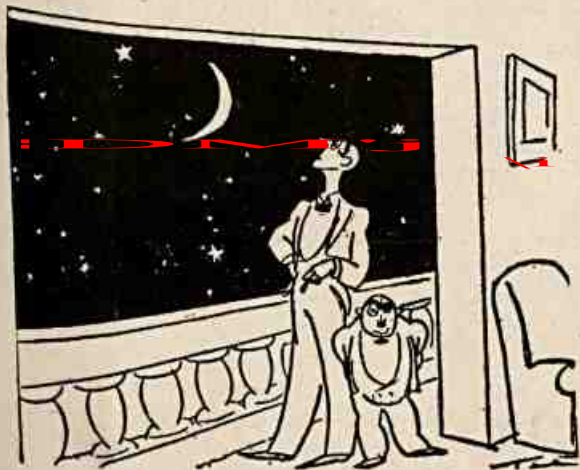
"E' a Hollywood das *estrellas*, a Hollywood endomingada, espartilhada e perfumada, com uns ares compenetrados de symbolo, de synonimo da Felicidade em apotheose furta-côr de festa de arraial."

Essa ditosa cidade, não a descortinou o escriptor, e do que viu fez uma photographia primorosa. Dotado de um espirito dmiravel de observação, o autor focalizou os assumptos e escreveu um romance deveras interessante, precisamente pelo rigor do methodo desenvolvido, pela simplicidade da linguagem.

A ironia baila em todas as paginas do romance, ironia eivada de piedade, despindo os heróes e heroinas da téla, para apresentál-os taes como na realidade são, debatendo-se num circulo estreito de miserias, na terrivel luta pelo pão de cada dia.

Um livro simples e, por isso mesmo, encantador, que agrada da primeira á ultima pagina, e [illegible] feito o maior elogio que merece o novo e genuino romancista brasileiro.

Oliveira Vianna — RAÇA E ASSIMILAÇÃO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 6$

NESTE volume, o autor faz uma synthese de alguns capitulos de duas obras mais vastas: uma — O *aryano no Brasil* (biologia e mesologia da raça; outra — a *Anthropologia social* (psychologia e sociologia da raça). O sr. Oliveira Vianna procura resaltar alguns aspectos do problema da raça ou das raças no Brasil, não concluindo nada, porque nada

— Como a gente se sente pequenino deante da grandeza do universo!

— Que direi eu, então?...

ha feito, no paiz. Formula hypotheses para que as pesquizas dos technicos digam si são ou não validas. Modestia do autor, que todos conhecem, apreciam e respeitam como autorizado Mestre. A primeira parte do volume contém tres capitulos: *Raças historicas, raças nacionaes e raças zoologicas; Bio-typologia e psychologia ethnica; Os typos anthropologicos e os problemas da bio-sociologia*. A segunda parte estuda: *o "melting-pot" e os seus methodos de analyse mathematica; Os grupos aryanos ao sul e a sua tendencia á assimilação; Os aspectos anthropologicos do "melting-pot" brasileiro ao sul.*

Seguem-se notas complementares, emprestando ao trabalho grande valor, tornando-o digno do conhecimento de todos os brasileiros que se interessem pelo seu paiz.

Julieta d'Oliveira — ASAS DE CERA — Rio — 1932

IMAGINAÇÃO ardente, que ensaia os primeiros vôos. Muito joven, ainda, a autora, neste livro de estréa, revéla ao publico o seu amôr pelas letras.

Waldemar de Vasconcellos — A VISITA DAS HORAS TARDIAS — P. Pongetti & C. — Rio — 1932

NESTE paiz de muitos livros de versos, são cada vez mais raros os *poetas*. Parece *blague*, mas é verdade. Todo o cidadão que sabe lêr e escrever, e até mesmo os que não sabem uma e outra coisa, padecem do mal de poetar...

Póde parecer ao publico que o caso não traz grande damno á humanidade, porém, os criticos não pensam do mesmo modo. E' que nós, quando não descobrimos o sentido da poesia dos rapazes, temos que augmentar as iras dos vates...

Felizmente, aqui está um poeta para o qual o elogio é facil. Aliás, depois do perfil do autor, traçado por Alcides Maya, o nosso juizo seria desnecessario.

Estamos de perfeito accôrdo com os conceitos emittidos pelo illustre academico.

"Elevação de pensamento, delicadeza no sentir, attitude commovida ante os sêres e as coisas, ansia de perfeição, humanamente inattingivel, mas adivinhada e ainda atravez das fórmas ephemeras e das apparencias fugidias, eis alguns traços de personalidade, visiveis á leitura da obra de Waldemar de Vasconcellos.

"Entretanto, o molde esthetico a que submette emoções e visões é, conforme affirmámos, de começo, recortado sobre realidades sensiveis. Claros encandeiam-se no desenvolvimento dos themas ou termos poeticos.

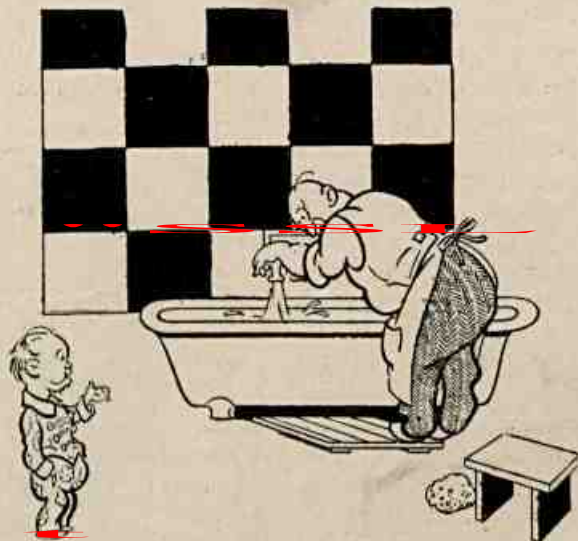
"As imagens, de risco proprio, são vivas, bem coloridas. Justa medida. Metros vivamente combinados. Rimario de accentuado poder suggestivo. Si o autor, vez por outra, mentaliza talvez demais os assumptos, a fórma concisa e transparente envolve e reflecte com limpidez o intimo do verso."

Um exemplo para o juizo do leitor? Ei-lo, em *Operarios*:

Abelha, pelo favo em que trabalhas;
ourives, pela pedra que lapidas;
fonte que vens rolando nas descidas,
tu tambem, pela musica que espalhas;

vós todos, operarios dessas vidas
humildes, sem bigornas ou fornalhas,
longe das barricadas e metralhas,
na paz das nossas horas esquecidas,

— bem comprehendeis e amaes o meu labor,
a canceira com que, vencendo a dor,
trabalho no meu proprio coração.

Bello, feliz e bom, quero fazêl-o!
Assim, no ultimo olhar, pudesse eu vêl-o,
na hora em que Deus parar a minha mão...

O anão — O senhor póde encher a banheira: eu sei nadar...

NOTAS DE ARTE

De Oscar d'Alva

HENRIQUETA MANDIM. — No Salão Leopoldo Miguez do I. N. M. realizou em a noite de 30 de agosto um recital de canto a sra. Henriqueta Guerra Mandim, fazendo ouvir, além dos *extra* — *Ne chante plus*, de Gretschaninow e *Ne soufre plus*, de Messagre — o seguinte programma: I) SCHUMANN *Ton regard.*; SCHUBERT — *Marguerite au rouet.*; CHOPIN — *Voeu de jeune fille.*; LISZT — *Chant d'amour.*; II) BORODINE — *Fleur d'amour.*; CESAR CUI — *Larmes*; TSCHAIKOWSKY — *Chante encore, ma mère.*; GRETSHANINOW — *Ne fut-ce qu'un seul jour* e *Triste est le steppe.*; III) ALOYSIO DE CASTRO — *La joie d'aimer.*; ALBERTO NEPOMUCENO — *Dolor supremus.*; REYNALDO HAHN — *D'une prison.*; SANTOLIQUIDO — *I canti della sera*; RHENÉ BALON — *Nuit d'autrefois*; CHARLES BORDES — *Amour évanoui.*

Impressionou desde logo a magnifica escolha dos autores e peças. Lindo e difficil, mostrava o programma que se ia ouvir não simples amadora, mas uma artista. E foi o que se deu. Do primeiro ao ultimo numero, a sra. Henriqueta Mandim manteve o auditorio em continua attenção, admirando e applaudindo a fina arte revelada em todos os numeros.

Dotada de voz muito apreciavel pela extensão e pelo volume, o que mais distingue a cantora não é propriamente a voz, mas a arte com que essa voz se revela. E não é só a cultura da belleza sonora, mas tambem a da belleza plastica, da mimica expressiva, com que procura traduzir as varias emoções do poema cantado.

Agradaram-nos mais especialmente *Marguerite au rouet*, *Larmes*, *Triste est le steppe*, *D'une prison*, *Nuit d'autrefois*, onde nos pareceu melhor se accentuarem os predicados que mais notabilizam a artista.

Além dos *extra*, houve um bis: *La joie d'aimer*, de Aloysio de Castro, que provocou muitos applausos á interprete e ao autor, presente ao recital.

Não devemos passar em silencio a acompanhadora, a illustre pianista sra. Julieta Gomes de Menezes, cuja collaboração foi de alto effeito para o exito da recitalista. Houve momentos em que parecia ouvir-se mais um duetto entre a cantora e a pianista do que simplesmente canto acompanhado pelo piano...

DYLA JOSETTI. — Successo artistico e social dos maiores da temporada, o recital da grande pianista brasileira, sra. Dyla Josetti.

Contractada pela empresa americano-européa dos "Concertos Daniel", de que é representante no Brasil o maestro Silvio Piergili, realizou a notavel virtuose no T. M., em a noite de 31 de agosto, tocando, além dos *extra* — *Le Cygne*, de Saint-Saens, adaptado ao piano por Siloti; *Narsissus*, de Mevin e *Impromptu*, de Ruth Garland, dedicado pela joven autora estadunidense á pianista brasileira, e o seguinte programma: I) SEEBOECK — *Minuet á Van-*; BACH-SILOTI — CHACONE: II) CHOPIN — *Nocturno em dó menor*; *Preludio em si bemol menor*; CHOPIN — LISZT — *Chant-Polonaise.*; III) BIALKIEWIEZ — *Berceuse* (á Dyla Josetti).; LECTONI — *Danza Cubana.*; GROOESSENS — *Marcha dos Soldadinhos de Pau.*; LISZT — *Rhapsodia n. 10.*

Todas as bellezas que ouvimos e applaudimos no recital de agora, não nos surpreenderam, porque, se há sete annos, Dyla Josetti já era pianista de escol, nada mais natural ainda maior se nos apresentasse depois do setennio em que no Brasil e nos Estados Unidos viveu tocando.

Quando primeiro a ouvimos, e foi nesse mesmo T. M., em a noite de 24 de novembro de 1925, tão grande foi a nossa impressão que escrevemos esta nota: "...por maior que seja o valor de uma pianista, deve sempre lembrar-se do preceito de Schumann — *nunca se acaba de aprender*. Mas, para a recitalista, aprender é simplesmente multiplicar as perfeições que já possue e espalhal-as fóra do Brasil, como outros tantos thesouros de uma arte requintada, muito pura e muito individual, digna de ser vulgarizada e applaudida."

Agora, depois da sua ultima audição, só temos de accrescentar

---

A CIGARRA

(Ao grande coração de Gustavo Barroso)

A cigarra é o symbolo da alegria. Canta no Verão, na seára farta, fecundadora e cheia de vida.

Cantar é ter vida, é ser feliz e dar alegria á Vida.

A cigarra, com seu cantico estridente, annuncia a fecundi-

que a pianista intensificou ainda mais as qualidades reveladas na primeira e que provocaram a nota elogiosa com que a registramos: sentimentalidade, bravura, força communicativa, elegancia, nitidez, emfim todo o conjuncto de aptidões technicas e estheticas, com que esmaltou as composições exhibidas nessa 1.ª audição, especialmente *Le Tambourin* de Rameau, arranjo de Godowsky, e o *Carnaval* de Schumann.

Difficilmente poder-se-iam destacar os numeros que melhor interpretou agora, tal a perfeição em todas revelada. Mas pela impressão causada assignalamos mais especialmente a *Chaconne*, de Bach-Siloti, que, como composição, não nos agrada tanto, como a de Bach-Busoni, mas onde Dyla Josetti ostentou invulgar belleza expressiva; o *Estudo* e o *Preludio*, em que soube traduzir com muita emoção a incomparavel poesia da musica de Chopin; e *Danza Cubana*, cujo dynamismo encontrou na insigne pianista irreprehensivel interprete.

Instada pela sala do Municipal, que estava repleta, tocou mais do que registrava o programma. E palmas e flores saudaram-lhe o triumpho.

Pianistas como Dyla Josetti não se devem limitar a um só recital por temporada. E' de esperar que outros se succedam para maior gloria da artista e gozo espiritual dos ouvintes.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Na tarde de sabbado, 3 de setembro, realizou a O. P. R. J. no T. M. o 4.º C. P. da temporada, com este programma: I) Beethoven — *Protophonia* da op. "Coriolano"; Schubert — *Symphonia inacabada*; II) Nepomuceno — *Serenata para arcos*; Xavier Scharwenka — *Concerto para piano e orchestra*, op. 80; Wagner — *Protophonia* da op. *Navio Phantasma*.

Motivo occasional não nos permittiu ouvir a 1.ª parte do concerto. Mas foi um regalo para o coração e para o espirito ouvir-lhe a segunda, e nesta principalmente o *Concerto*.

A par da regencia moça e enthusiasta de Burle Marx, da mestria da orchestra, avultou o piano, verdadeiramente notavel, da sra. Sylvia de Figueiredo Mafra. A grande pianista brasileira sobresahiu excepcionalmente na execução da obra de Scharwenka. O piano tornou-se rival da orchestra. Apesar de toda a sua massa instrumental, esta em nenhum tempo conseguiu supplantal-o. Ouviam-se ás vezes duas orchestras. Mas não foram só effeitos de sonoridade os que magistralmente obteve a insigne virtuose; foram tambem dedilhados da mais encantadora poesia. Epica no *Maestoso*, lyrica no *Adagio*, Sylvia de Figueiredo viveu com muito esplendor todo o poema musical do compositor germano-slavo. Apesar de abundantes, ainda foram poucos os applausos. Tal a impressão que nos deu a pianista e aqui sinceramente registramos.

A tanto mais bella quanto mais ouvida *Serenata* de Nepomuceno e a *Protophonia* do "Navio Phantasma" de Wagner, foram outras tantas bellezas que realçaram ainda mais o 4.º C. P. da O. P. R. J.

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA — O 2.º Concerto de musica de camera da série official de 1932, realizou-o o Trio Beethoven, formado pelo pianista J. Octaviano, violonista Frederico Almeida e violoncellista Newton Padua, com o concurso da notavel professora e virtuose, sra. Heloysa Bloem Mastrangioli, no I. N. M. em a noite de 3 de setembro, com este programma, constituido só de obras de Beethoven, cujo busto presidiu á festa musical: I) *Trio em ré maior*, op. 70, n. 1; II) *Die Liebe des Nachsten* (o amor do proximo), *Vom Tode* (A morte), *Busslied* (Canto de arrependimento); III) *Trio em si bemol maior*, op. 97.

Embora executados com a mesma correcção, impressionou mais o *Trio em si bemol*, que o *T. em ré maior*. O que deve attribuir-se mais ao valor das obras interpretadas, que á diversidade das interpretações. O *T. em si bemol* é obra do genio na plenitude de sua força; compôl-o Beethoven aos 40 annos; o *T. em ré maior*, produziu-o vinte annos antes. Se ambos têm o cunho das obras immortaes, só a primeira revela todo o valor integral do artista. Ouvindo-o percebe-se que, quando o escreveu, o grande poeta do som já tinha escripto a *Patetica* e *Ao luar*, a *Apaixonada* e a *Aurora*...

Newton Padua, com a magia do seu violoncello, Frederico Almeida e J. Octaviano mereceram bem todos os applausos do numeroso auditorio.

Dando ainda mais realce á audição, é de assignalar-se a voz e a arte da cantora patricia, sra. Heloysa Bloem Mastrangioli.

Bellos e difficeis, os *Cantos espirituaes* de Beethoven encontraram magistral interprete na cantora brasileira. Brilhou mais especialmente em *Vom Tode* e em *Busslied*, onde realçou bastante o que ha de commovente e de expressivo nos dois poemetos de resignação e de penitencia. E cresceu em poder emotivo quando cantou em *extra*, com letra franceza, *L'absence*.

Os mais vivos e espontaneos applausos saudaram a notavel cantora.

De Sampaio Junior

dade immensa e religiosa. E' o calor, produzindo vidas.
Como Deus é grande, que fez um insecto pequenino e que enche uma cidade com seu cantico de alegria !
E a cigarra morre de tanto cantar. Morre cantando.
Como a cigarra é feliz !
Eu tambem queria morrer cantando...

Seara alheia

Confissões

Todos os hypocritas pregam bem porque não dizem o que pensam.

* * *

Uma comedia sem ironia não é comedia. — Ludwig Holberg.

A felicidade

O homem não vê claramente deante do caminho que conduz á felicidade: busca-a quasi que unicamente na satisfação rapida e completa de seus multiplos desejos, nos prazeres materiaes e intellectuaes, nas commodidades, no luxo, na riqueza e, de tal modo estão identificados estes conceitos prazer e felicidade que geralmente os privilegiados da fortuna são considerados os homens felizes do mundo.

Penetrai, porém, nos lares onde reina não só o luxo como tambem o cultivo da intelligencia, tudo, em summa, que parece encher de encantos a existencia, e achareis frequentemente a desgraça porventura mais horrivel e dolorosa que na choupana do pobre.

E, como dizia o abbade Jayme a Rousseau: "Se cada homem pudesse lêr no coração de todos os demais seria maior o numero dos que desejariam descer do que o dos que desejassem subir. — Paul Dubois.

Fumo

A paciencia substitue a energia.

* * *

Tomar não é nada; o difficil é conservar.

* * *

Nenhuma felicidade se faz rapidamente. — J. Deval.

Esbocetos

Sonhos — Os sonhos são como os espiritos dos poemas e das lendas. Uns e outros vivem na treva durante as horas da noite e, ao primeiro raio de sol, desapparecem para dar logar aos cuidados torturantes e á triste realidade, que continuam durante o dia sua perigrinação pelo mundo.

Optimismo — Que grande cousa se todos pudessemos ser optimistas!... Mas, nasce-se pessimista como se nasce torto ou corcunda. E' uma desgraça *natural*. — Carlos Dickens.

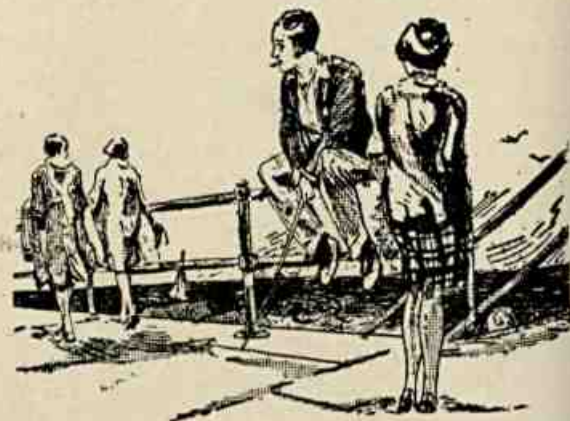
Desenho dactylographico

QUALQUER pessoa póde ter o seu retrato perto á machina de escrever.

O sr. Hobart Reese, de Washington, obtém grande fama com os seus engraçados retratos que elle faz dactylographicamente.

Centenas de letras e signaes são usados para fazer cada retrato, e á primeira vista parece impossivel que possam ter sido feitos á machina de escrever commum. Com o auxilio de uma lente forte póde-se notar cada uma das letras.

O sr. Reese tem desenhado grande numero de retratos de celebridades, inclusive o presidente Harding, Mary Pickford e Douglas Fairbanks.

Cada pessôa póde experimentar por si

Ella — Elle está ensinando Odette a nadar. Que aprendeu ella até agora?

Ella — Que elle tem vinte e cinco annos, é solteiro, trabalha num banco e... se chama Roberto...

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis.

Michel Zevaco.

prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeira thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fasc., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fasc., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fasc., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fasc., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fasc., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fasc., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fasc., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fasc., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fasc., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fasc., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fasc., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fasc., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fasc., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

A segunda encarnação de Franz Chopin

Por Lauro Mendes

O director, solicito, apontou-me, no fundo da cella guarnecida de acolchoados, um homem esguio de longa barba esbranquiçada emprestando tonalidades de Nazareno a um rosto macerado pelas vigilias.

— E' aquelle. Mas tenha cuidado de chamál-o sempre de Franz Chopin e terá conseguido tudo. E não se opponha a que elle toque qualquer coisa dos "classicos". Eu preferiria que enveredasse pelo genero moderno, mas o velho piano que elle, na sua obsessão, trouxe para aqui, jamais deixou ouvir na solitude da cella o rythmo syncopado do *fox-trot*. Talvez pela revolta em que geralmente minh'alma lateja, mercê do meu constante contacto com estes pobres miseraveis, que a humanidade de fóra de nossas portas nos manda para aqui, com o apodo de loucos, eu não posso receber em meu coração as vibrações sonoras de sua arte, de sua supposta arte, que, sublime para alguns, é para mim simplesmente enervante. E si não fôra a dose de paciencia que um cargo como o meu requer de minha pessôa, eu já o teria recambiado a qualquer instituto analogo. Entrego-te em tuas mãos de estudioso de sentimentos humanos. E não me vás sahir dahi com uma desillusão a mais...

Eu era, a esse tempo, uma especie de turista mental. As maravilhas materiaes, que enriquecem a retina, eu preferia as miserias moraes, que confrangem o coração e augmentam o desejo da morte. A uma torre Eiffel eu preferia ver os ultimos momentos de um condemnado; a uma pyramide cyclopica eu oppunha o cadaver de uma creatura covarde que desertava da vida. Simultaneamente com uma herança que me fôra legada, recebêra eu o choque de uma infamia que levantára uma questão de honra no seio de minha familia. E eu, romantico, imitei, na minha morbidez sentimental, o gesto cavalheiresco de John Geste, o "Beau Geste" que eu vira projectado na téla prateada do cinematographo: fugi, não para a Legião Estrangeira, mas para longe, muito longe, para os tombadilhos dos "Caps", para os reservados dos "Pullmann" ou para as cabines de luxo dos "air-liners". E hoje, a "questão de honra" vive feliz, casada, com um filho cuja paternidade eu lançára sobre mim, com o meu "Beau geste"...

Comecei, assim, a esquecer a minha desventura e, de tanto viajar, terminára por adquirir, de cada terra, um traço caracteristico. Tinha a dureza do britannico estampada na face e o romance de um andaluz gravado no coração, a coragem de um "tuareg" e o pulso forte de um "legionnaire". E bailavam-se tambem, no cerebro, em sarabanda de ébrios, os accordes suaves da musica, que eu aprendêra na Italia, e deliciavam-me as sonatas de Beethoven e as balladas de Chopin; enthusiasmavam-me os preludios de Bach e as symphonias de Wagner, e enlouqueciam-me as melodias sonhadoras da musica oriental, de sua interpretação magistral do silencio do deserto, da amplidão, da fome, da morte, da séde, da vastidão...

E eu apenas chorava ouvindo a marcha funebre de Chopin...

O velho relanceou os olhos em torno, majestosamente, como o artista que fita o auditorio que o espera, nervoso. A um canto da cella, um velho piano dormitava, viuvo de humanos contactos. Humanos, sim. Um louco já não é um ser humano, para quem a sociedade reserva uma parcella minima de consideração. Sôam inutilmente suas supplicas, seus protestos. E elle age como um féra: ruge, morde, brama, espuma. Castiga-se, maltrata-se, retem, desesperadamente, a satisfação de suas necessidades physiologicas. O velho piano vibrava sob o influxo do louco, gemia, allucinado, prisioneiro de quatro paredes acolchoadas. Si a carcomida madeira não soffria, soffriam os accordes sonoros que se evolavam pela janella gradeada. Parecia ter alma o velho piano, esmerava-se em requintes surprehendentes de interpretação: as vibrações que delle emanavam talvez convencessem a sociedade de que não era louco aquelle homem que ali encerravam com aquelle apodo, e dahi o soltarem. E depois a liberdade, a luz, cá fóra, com os loucos que vegetam no hospicio universal, gargalharia, verdadeiramente louco, ao rythmo ensurdecedor do *fox-trot* e do *fox-blue*, mas, emfim, livre...

Sou dos que invejam os loucos. Preferiria a loucura á morte, o fim mental ao physico. Sou demasiado covarde para enfrentar a desaggregação terrena, permanecendo ardentemente aferrado á vida, e, assim, no meu peregrinar de curioso collecionador de miserias, quedei-me, estupefacto, olhos presos ao seu vulto esguio de Nazareno. Estaria ali um illuminado, ou seria elle uma obsessão artistica? Gemeria o velho piano, ou as paredes acolchoadas acolhiam apenas o batucar sem nexo de um cerebro desordenado? Viu-me e levantou-se. Veiu a mim com ares mysticos:

— Que deseja, meu caro alumno?

Comprehendi qual deveria ser minha attitude. Retorqui:

— Bom dia, Herr Franz Chopin.

— Ah! v. ex. conhece-me? Certamente ouviu falar de mim na India. Eu agora me recordo de sua physionomia, de tél-o visto uma vez em uma recepção no palacio do Rajah de Kantala, em Granpore. Mas não ouviu ainda falar de minha ultima ballada, na ordem em que as venho compondo, a 4ª. Coincide justamente com o meu triste romance de amor, mas não é, absolutamente, o seu reflexo. V. ex. certamente já o conhece, pois o mundo o commenta, mas não creia em nada. E' puro engano. Eu não a amo, e sim ella a mim. Quer ouvir? Sente-se...

"Sentei-me", continuando agarrado ás grades da cella. O esquálido infeliz sacudiu o pó que cobria o velho e carcomido piano e sentou-se ao tamborete, tirando os primeiros accordes. E, santo Deus! Ainda hoje me ferem os ouvidos, nunca de tal fórma maravilhados, as notas sublimente arrebatadoras da obra-prima. O velho transfigurava-se, assumindo attitudes de titan ferido, curvado sobre o velho piano, ante meus olhos estarrecidos e minhalma deslumbrada. E emquanto toca, fala:

— Vês, amigo, eu soffro com meu tormento de ser amado pela arte que traduzo. Compondo a musica, eu volto á superficie de mim mesmo e ao mundo. E sinto a personalidade "d'ella", fazendo quebrar o encanto de minha solidão, destruindo a minha creatividade. Vês, ella está ali no canto, ouvindo-me, espiando-me, deliciada, mas sómente emquanto toco. Eu termino e ella fóge de mim, quando vê o homem que ella ama. Este piano generoso é o meu filtro de amor, é a minha juventude perdida. Executando ao piano, eu a tenho junto a mim, e si páro, acaba o encantamento, parece a machina parada de arranco, agua que borbulhava, fervendo; e que, recebendo jorro gelado, se aquieta amornada, corpos latejantes que, nascendo, de repente abortam, frios. E as idéas dispersam-se, escurecem-se, somem-se...

(Conclúe no proximo numero)

UMA NOTICIA DE POLICIA

De MARIANO MACIA

A hora propicia. O momento opportuno.

Carlos, aborrecido da vida, ingrata para elle como uma ruim madrasta, pedia o terceiro copo de cerveja no sujo bar que havia muito tempo servia de refugio a suas tristezas. Bohemio empedernido, mais pelos azares do destino que por temperamento, tinha em seu coração tanto fel e tanto desengano, que a vida se lhe deparava assim como uma dura lei imposta sobre sua carne e sobre seu espirito.

— Outro copo, homem feliz?

Quem assim o interrogava era uma mulher, pállida e de olheiras, que sentia por Carlos profunda sympathia.

— Como queiras, Andréa. Creio que nesta casa não ha outra poesia além de ti...

— Eu e a cerveja.

— A cerveja... a cerveja... quem sabe!... Mas tu, sim.

— E dize-me, Carlos: por que sempre estás tristes?

— Ora... porque este é meu destino. E tu... por que sempre estás pállida?

— Deve ser meu destino tambem...

Uma como rajada de esperança longinqua passou pela mente de ambos.

— Escuta, André: si unissemos os nossos destinos? O da eterna tristeza com o da eterna pallidez... Seria poetico, não é verdade?

— Seria cruel.

— Cruel? E por que? Porventura, não são irmãs a tristeza e a pallidez? Alem disso, tu andas pallida por alguma coisa, e eu, triste, tambem por alguma coisa. E, si analyzassemos nossas penas, talvez descobrissemos que coincidiam.

— Mas, falas serio, Carlos?

— Tão sério, que, si quizeres, ainda esta noite, agora mesmo, te levarei para minha casa.

— Mas, tu tens casa?

— Casa propriamente dito, não. Um máo aposento, de que ninguem cuida, e que quasi ninguem habita. Mas procuraremos coisa melhor. Da fortuna de meus paes, ainda me restam algumas migalhas. Compartilharemos dellas. E depois... Deus dirá.

André olhava-o fixamente com seus olhos bellissimos e profundos. Aquelle infecto bar, aquelles typos suspeitos, aquelle dono brutal e interesseiro, tudo, em summa, quanto constituia sua vida de miseria e de sacrificio desfilava por seu espirito. E aquelle homem era sincero! Era nobre! Era bom! Falava-lhe de coração. Aquella sua tristeza, tão intima, era uma garantia da nobreza de seu espirito.

— Por que pensas tanto, Andréa?

— Porque receio fazer-te ainda mais desgraçado e mais triste.

— Não te preoccupes com isso. Em ultimo termo, o culpado seria eu.

* * *

CARLOS e Andréa iam, cada dia, compenetrando-se mais e amando-se com mais loucura.

— Tenho a impressão de que nasci hontem! De que nunca vivêra! De que só fôra homem desde o dia em que te tirei daquelle immundo bar!

— E eu, Carlos, e eu?... Eu, que havia sido uma victima até então, encontrei minha liberdade e o amor em teus braços. Meu Carlos, quanto és bom!

— Mas, si não é bondade, minha Andréa! Si eu quizesse portar-me comtigo de outra maneira, e deixar de manifestar-te meu affecto, não poderia! Conheci-te tanto, e tanto te identificaste com meu ser, triste e desencantado, que tua imagem, e tua vida, e teu alento, e teus sorrisos romperam o gelo de meu espirito, e eu sou outro, e vivo minha vida nova, e inteiramente para tua vida.

— Carlos!...

— E eu meu louco anseio quero que sejas a mais mimada e a mais bem vista de todas as mulheres. Apresentar-te-ei a meus paes, e serás minha legitima mulher.

Andréa atirou-se aos braços de Carlos, e este a estreitou e a encheu de beijos.

* * *

NO dia seguinte, chegou uma carta.

— Carlos, uma carta para ti!

— Para mim?! E de quem poderá ser?

— Quem sabe?... Talvez de teus paes.

Elle, tambem, o presentira.

Dizia assim a missiva:

"Querido filho. Tua mãe, que só vive por ti, espera de tua grande bondade, porque sempre foste bom, que, recebendo esta, venhas vêl-a immediatamente.

"Estou muito doente; e não quero morrer sem estreitar-te de novo nos braços.

"Além disso, Adelia, tua noiva, que continúa sempre esperando-te, junta suas supplicas ás minhas.

"Esperamos-te."

Logo que terminou a leitura da carta, Carlos a entregou a Andréa.

— Lê, Andréa, esta carta.

Andréa leu-a.

(Continúa na pag. seguinte)

— Vae depressa, Carlos! Vae vêl-a. E' tua mãe.

— Mas não vês que o que se procura é separar-me de ti?

— Não importa. E' tua mãe, e deves obedecêr-lhe, para que ella morra tranquilla.

— Mas é que ninguem, nem nada deve separar-me de meu unico amor, Andréa. Nada, nem ninguem!

E poz-se a chorar como uma criança.

— Não chores, Carlos. Minha vida, que tão pouco vale, não merece o sacrificio de tua pobre mãe. Faze o que ella quer. Rogo-te por nosso proprio amor, que, apesar de todos e de tudo, será eterno.

— Minha Andréa! E si minha mãe soubesse como és bôa?

— Tua mãe não o sabe, nem deve sabêl-o. Tua noiva, Adelia, é uma mulher de tua posição. Peço-te outra vez que cumpras seu desejo.

— Seu desejo? Que espera ella? Que me case com Adelia?... Não, não me digas isso, Andréa, por favor!

— Sim, homem, sim! Queres saber, Carlos, qual é meu mais intimo anseio? E' sacrificar-me por ti. Pagar-te, com o sacrificio de minha vida, o que fizeste por mim.

— Mas eu não o permittirei. Porque o unico sacrificio que exijo de ti é que sejas minha perante Deus e perante os homens.

— Isso não seria sacrificio.

Uma noticia de policia

(Continuação)

meu Carlos. Seria para mim a suprema felicidade. Mas... não te preoccupes por mim... Tua Andréa será sempre digna de ti.

— Minha mulherzinha! Meu anjo!

E beijaram-se fortemente, sonoramente. Com um beijo longo, interminavel...

* * *

Era uma luxuosa casa da avenida Atlantica. O porteiro, apenas viu Carlos, lhe estreitou affectuosamente a mão.

— Até que emfim! Já sabiamos que o senhor voltaria.

— Mamãe está?

— Sim. E á espera do senhor. Suba, suba, senhor Carlos.

E Carlos, com as pernas tremendo-lhe, subiu por aquella escada de rico marmore, que era sua, que era de sua casa.

— Minha mãe!

— Meu filho querido!

E mãe e filho abraçaram-se effusivamente.

— Eu já sabia que, afinal, te arrependerias da vida que levavas! Tu nunca foste máo, meu filho! Soffreste muito? Não era por culpa minha, filho. Teu pae era quem se oppunha a que te mandassemos mais dinheiro. Não é verdade, Carlos, que tu já sabias que era assim?...

— Mas, mamãe, por favor, não se altere. Si eu nunca me queixei... A culpa foi toda minha. Amei a liberdade e... nada mais.

— E em tuas viagens pela Europa te divertiste muito?

— Não, mamãe. Creio que, em ultima analyse, melhor fôra que não me houvesse afastado de vosso lado. Mas, agora, já não ha remedio.

— Como?! Já não ha remedio?! Desde hoje começas uma nova vida aqui, ao meu lado, e junto de Adelia, que continúa esperando-te com os braços abertos.

— Não póde ser. Não ha mais remedio.

ANSIEDADE

CLAMAM por ti, numa estranha obsessão, todos os meus sentidos deslumbrados. E por que vieste, inesperadamente, perturbar o meu pobre recanto abandonado?

Aqui vivia, apenas, uma sombra nevoenta de mulher. E era só o que eu desejava neste recolhimento espiritual. Era ella, a Inattingida, o fundamento da minha gloria e da minha inspiração. Mas tu vieste, um dia, bater, tambem, á minha porta. E eu me entreguei, perdidamente, aos teus encantos de grega desterrada. E sorvi, em extase, o nectar dos teus labios, mais doce do que o mel das abelhas de Aristheu.

Meu espirito, hoje, é um

Historias de amor

Toda historia de amor começa num olhar.
Depois, nasce um sorriso. E vem, após,
um aperto de mão, u'a palavra banal...
E a gente,
sabe comprehender, por esse olhar,
o que o labio não diz e o coração presente:
começa por ahi o nosso mal.

Ha sempre nessa historia um nome de mulher,
que nos sussura ao ouvido u'a harmonia estranha:
mulher linda, sonhadora,

— Mas Adelia é um anjo, e vocês vão casar immediatamente. E irão morar na fazenda, como era desejo de teu fallecido pae.

— Eu gosto de outra mulher que, certamente, me quer mais do que Adelia.

— Mas não digas isso. Adelia, Adelia! Entra...

E entrou na sala a antiga noiva de Carlos.

— Carlos!

— Adelia!

— Esperei-te todo esse tempo, e sabia que voltarias. O coração mo dizia.

A mãe olhou imperiosamente para Carlos, afim de que este dissimulasse.

— Sim, Adelia. Voltei.

— Foste muito máo commigo. Mas eu sempre te perdoei.

— Obrigado, Adelia.

— E agora, meu filho, vae repousar um pouco.

— Permitta-me, mamãe, que volte definitivamente amanhã. Hoje tenho algumas coisas urgentes para concluir.

* * *

ANDRÉA o temia, mas não o esperava. Ella bem sabia que sua felicidade não seria eterna. A influencia da mãe, a barreira immensa que separava sua posição da de Carlos, e o destino, o cruel destino — tudo lhe dizia que ella havia de ser uma eterna victima...

Carlos não podia nem falar.

— Mas, meu Carlos, dize-me tudo! Não penses que me vaes causar surpresa. Tudo o que possas dizer-me, eu já o adivinhei. Tua mãe se empenha em que fiques com ella, e é muito natural.

— Sim... E quer que me case com outra mulher!

— Com a que te pertence.

— Não! A unica mulher que me pertence és tu!

— Segundo as leis de tua consciencia, talvez. Mas não segundo as da sociedade.

— E que são essas leis?

— Pouca coisa. Apenas nossa infelicidade. Mas não me importa. Eu só vivia por ti é para fazer-te feliz. Fóra disso, minha vida já nada vale.

— Mas, Andréa, minha Andréa, que queres dizer?

— Não te importes, Carlos. Deves seguir teu destino, e eu... seguirei o meu.

— Eu não poderei deixar-te, Andréa!

— Farás a vontade de tua mãe. Meu amor não deve eclypsar em ti o amor filial.

— Bem. Si assim o exiges, farei. Mas, mensalmente, te mandarei dinheiro para todas as tuas despesas. Quem sabe si o destino não nos tornará a unir definitivamente!

— Isso não é tão facil, Carlos. Mas já te disse que não te preoccupes.

E, conformada ,como um anjo redimido, apertou fortemente as mãos de seu amado.

* * *

NO dia seguinte, os jornaes da manhã publicavam a seguinte noticia de policia:

"Em uma casa de appartamentos da rua tal, foi encontrado o cadaver de uma joven, que se suicidou ingerindo uma forte dose de bicloreto de mercurio".

E, ao pé este ironico e falso commentario:

"Segundo nos informaram, *fôra abandonada por seu amante*, e num momento de odio e de despeito se matou..."

...amontoado de ruinas. Mesclam-se, nelle, o remorso do mal que causei á sombra amiga e a saudade infinita dos teus braços. Mas é para tua belleza ardente e luminosa, ó grega desterrada, que ainda se solvem, nesta hora cruciante, todos os meus sentidos perturbados. Minhas mãos que acariciam lentamente, voluptuosamente, o teu corpo luminoso. Meus ouvidos ainda guardam tua voz, mais harmoniosa que movimentos eurythmicos. Sinto, ainda agora, o teu perfume bom, e o teu vulto domina toda a minha imaginação e toda a minha sensibilidade.

E viverás, assim, no meu pobre recanto abandonado.

HORACIO MENDES

---

linda como as princezas das Balladas,
que a nossa alma de fulgores illumina,
numa emoção tentadora...

Minha historia de amor começou como as outras,
— simples, banal, — uma historia qualquer !
Sei que uns olhos disseram-me: — "eu te amo !"
e me falaram mais do que a mulher...

Depois... (é sempre triste, esse depois...)
O tempo... a sociedade... o esquecimento...
— Veiu, depois, um arrependimento
para nós dois.

FILGUEIRAS JUNIOR

OS ALUMNOS DE DONA PINDOBA

A melliflua sociedade recreativa "Melão de São Caetano" amanheceu embandeirado de papel tinto em urucú e perfumada n'agua de *Lavander*. Em volta do singelo edificio onde quinzenalmente saracoteiam as damas da melhor nata de Villa Bella, o harmonioso e syncopado conjuncto musical "Philarmonica Mimosa" executava as suas valsas chorosas, de um copiosismo sentimental tão babante, que os passantes de fóra mui difficilmente o acreditariam prenuncio de festa, desses furdunços gozados que se commentam noites a fio.

Tratava-se de uma manifestação ao inspector escolar, dr. Raymundinho Procopio, que viéra especialmente assistir aos exames dos intelligentes e apregoados alumnos de Dona Pindoba, a conceituada e austera directora honoraria e vitalicia do grupo "O Archanjo Miguel", e uma das creaturas mais dada ás letras e musica do Valle do Jabaquara.

A festa que se fez ao sr. Procopio foi uma verdadeira apotheose, a que nunca os bons olhos dos villabellenses tiveram a satisfação de antes presenciar.

Não queremos, porém, ser injustos para com os dons advinhatorios desse hospitaleiro e nobre povo. Nas cartas que corriam entre Villa Bella e Paris (de duas das quaes foi portador o Zeppelin") já se preconizava o grande successo escolar. Não tanto assim como o foi, diga-se de passagem, mas estrondoso bastante para deixar interminas saudades como deixou, segundo a opinião jamais posta em duvida do dr. Fulgencio Moraes Quartola, representante de oleos e gazolina.

Uma só dessas missivas, admiravelmente optimista aliás, foi alem no prognostico:

"Il será un événement jamais vu dans l'Europe, France et Bahia".

Surgiu, emfim, o dia da "emancipação do interior", como diziam os orgulhosos filhos de Villa Bella. De facto, o inspector lá teve a surpreza de constatar o desenvolvimento de uma lingua estrangeira, e sobretudo de vêl-a entendida por não pequena população em pleno sertão de um paiz que se diz abarrotado de analphabe[tos]

A OBRA PRIMA — Ella ficaria ainda muito melhor, si o modello não se mechesse a cada instante...

O «BALOENICEPS REX»

EXISTE no Jardim Zoologico de Londres, uma ave extraordinaria, cegonha com cabeça de baleia, bico de sapato — o *Baloeniceps rex*. Sómente tres vezes na historia do jardim se possuiu semelhante ave. A primeira vez data de 1860, quando dois exemplares foram mandados de Karthoum. Elles viveram pouco tempo e seu logar não foi occupado senão ha tres annos, quando um bello especimen foi presenteado pelo Sirdar, Sir Francis Wingate. Essas aves, entretanto, não viveram muito.

Agora uma terceira, a mais bella que tem apparecido póde ser vista no jardim.

O *Baloeniceps rex* é uma das aves mais notaveis e singulares. Ninguem ainda descobriu o seu parentesco, mas, julga-se que póde ser classificada entre as cegonhas. Tem alguma coisa da garça e do pelicano, o que parece demonstrar que os seus remotos antepassados viviam numa época em que esses typos agora distinctos estavam ainda em formação. Seus pés, por exemplo, são de garça, pois o dedo trazeiro é comprido e collocado tão baixo, que está no mesmo nivel que os dedo deanteiros; e a garra do dedo do meio tem um dos seus bordos cortados em franja na forma de pente—outro caracteristico da garça.

Coisa curiosa: ninguem ainda descreveu o vôo d'essa ave. As garças e as cegonhas têm cada uma um modo differente de voar. A primeira, por um motivo desconhecido, quando em pleno vôo deixa cahir a cabeça até descansar no hombro; a ultima, por sua vez, como os flamingos e os gansos, patos e cysnes, vôa com o pescoço esticado como o cabo de uma vassoura.

Pensamos que o *Baloeniceps* adopta a maneira da garça no vôo. Um dos caracteristicos d'essa ave extraordinaria é o seu bico. E' de um tamanho collossal; comprido, muito largo e revirado para baixo na ponta. Naturalmente esse facto deve ter relação com a natureza do seu alimento. Mas pouco se sabe a esse respeito.

Os que já viram essa ave na sua terra nativa

De Braz Glétte

tos... Era, não restava a menor duvida, o resultado de esforços ingentes, que muito honrava a nobilissima directora do "Archanjo". Manda a verdade que se diga: não foi sópa para Dona Pindoba conseguir encaixar no cerebro daquella gente despretenciosa um idioma estranho. E que idioma!

A lingua que os francezes trazem na bôcca, desde pequeninos, promptinha para usar, como o fazem, desde o mais complicado galanteio á menos difficil banalidade.

O grupo está apinhado de gente. Afóra os alumnos, vê-se a familia de quasi todos elles. Um verdadeiro "show" de roupas domingueiras. Dois grandes jarros de flôres enfeitaram a mesa. Ha, ainda, em cima, um tinteiro descomunal, côr de prata, um copo, pelo meio, de agua crystalina.

Atraz, sentados com a frente para os alumnos e respectivas familias, o inspector, Dona Pindoba, o juiz de paz -sr. José Caetano-, e o delegado Jeronymo de Oliveira, "seu creado" (como elle sempre diz a todos)...

Foi dado inicio aos exames. O visitante, professorissimo Raymundinho Procopio, logo de principio parece bem impressionado com o resultado. Tudo lhe correu bem: a arithmetica, a geographia, a grammatica e o dictado.

Chegou a vez do francez. Uma multidão de alumnos, bem quinze, perfilou-se attrahida pela figuração e gloria esperada. *Moi*, diziam uns olhando a professora. Outros, levantando os dedos como a quererem espetar o céo, tangiam o *moi* p'ro rumo do inspector.

Dona Pindoba, que não estava pelas alturas nem nunca se deixou levar por ninguem, ergueu-se da banca. Com um sorrisozinho sarcastico, mandou-os sentar, e, correndo o olhar ao fundo da sala, parou num canto, onde estavam os olhos de Mariquinha, a encantadora Mariquinha Botelho.

Era a sua opportunidade.

O jovem inspector mira-a cuidadosamente. E, com uma insinuação de encanto a desabrochar, murmura: — Vamos, senhorita, conjugue o presente do indicativo do verbo *avoir*...

Mariq (como achavam os collegas), piscou de soslaio, ageitou-se de lado, deu os cabellos formosos para traz, e, tirando um pequeno engasgo da garganta, começou:

Eu avôe
Tu ...

* * *

Si não me engano, ha pouco del de cara com o inspector Procopio, ainda com a cabeça e a testa cobertas de echymoses...

E' que, naquella nite, no festivo e melifluo "Melão de São Caetano", o patife tambem tinha "avoado"...

---

dizem que os peixes, sapos, crustaceos, mariscos formam a base principal da sua alimentação; e sendo assim, a necessidade de um tão estranho bico parece inexplicavel.

Pois as garças e as cegonhas alimentam-se do mesmo modo e ambas têm os bicos em fórma de punhal.

E' muito possivel que o prato principal d'essa ave seja fornecido pelo peixe extraordinario conhecido com o nome de *Bichir* ou *Polypterus*, que tambem tem uma zona geographica muito limitada.

Mas um bico como o do *Balaeniceps* dá a entender officios differentes... menos o de sugar o nectar das flôres. E', certamente, um bico "especial", para uma funcção só sua, que outras aves não requerem. Quem sabe talvez si para apanhar algum dos extranhos peixes parente de algum das remotas eras geologicas...

O *Balaeniceps* tem um rival curioso, em ponto pequeno, na garça pequena conhecida como *bico de bote*. O *Bico de Bote* é natural da America do Sul, mas tambem é pouco conhecido o seu modo de vida. O bico, entretanto, tem uma extraordinaria semelhança com o do seu parente africano, e esse facto não póde ser uma mera coincidencia. Podem-se ver especimens dessa ave ainda no Jardim Zoologicq de Londres.

A raridade dessas especies mostra que elles são em numero limitado, o que significa falta de alimento. Si o bico, como se suppõe, deve a sua singularidade a necessidades especiaes, é claro que um numero excessivo das aves produziria a fome para elles, reduzindo assim o seu numero.

Suppunha-se que o *Balaeniceps* só vivia na vizinhança de Karthum. Mas Sir Harry Gehuston encontrou-a, em certo numero, nas margens norte de Victoria Nyanza e em Entebbe, nos pantanos e terrenos alagadiços; muito raramente nas margens dos rios grandes, ou lagos. Elle não poude, entretanto, colligir factos do seu modo de vida. Como são os seus ninhos? Ninguem ainda os encontrou, mas espera-se que um dia algum especimen irá ter a algum museu e, bem conservado, revelará muito coisa.

Certamente, deve ter sido desconhecido dos antigos egypcios, ou elles teriam notado o facto n'aquelles armazens de historia natural antiga— a Pyramides.

O mysterio do Valle do Boscombe

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(*Continuação*)

— Queira sentar-se neste sofá, proferiu Holmes, com amabilidade. Recebeu a minha carta?

— Recebi, entregou-m'a o porteiro. Escreveu-me a participar-me que deseja falar-me afim de evitar um escandalo.

— Exactamente, se eu o procurasse na sua casa, daria pasto ás más linguas.

— E porque motivo desejava falar-me?

Olhou para o meu companheiro e os fatigados olhos, em que se lia o mais intenso desespero, respondiam de antemão á pergunta.

— Sim, emittiu Holmes, adivinhando-lhe o pensamento. Sei de que maneira foi morto mister Mac'Carthy.

O ancião escondeu o rosto nas mãos.

— Deus se compadeça de mim, exclamou. Eu, em caso nenhum consentiria que fosse condemnado aquelle moço. Dou-lhe a minha palavra em como haveria falado se acaso elle comparecesse em juizo.

— Folgo immenso em ouvil-o falar desse modo, respondeu Holmes com gravidade.

— Falaria até, desde já, se não tivesse uma filha. Nem quero pensar no desgosto que teria, se visse levarem-me preso...

— E' possivel que as coisas não cheguem a esse ponto, redarguiu Holmes.

— Que me diz?

— Não pertenço á policia. Foi a sua filha que me mandou chamar e estou operando para seu interesse. Não obstante, é preciso que o jovem Mac'Carthy escape a toda e quaquer suspeita.

— Sou um moribundo, declarou o velho Turner; ha annos já que estou atacado de diabetes. O meu medico duvida até, que eu resistia mais um mez. E com fanqueza confesso-lhe que antes queria morrer ao abrigo do meu tecto do que num calabouço.

Ergueu-se Holmes, sentou-se á mesa, com a penna na mão e um masso de papeis deante de si.

— Diga-nos a verdade. Vou escrever a sua narração, o senhor assignará, e o doutor Watson, aqui presente, poderá servir de testemunha. Na ultima extremidade apresentarei a sua confissão, se acaso isso fôr de absoluta necessidade para livrar Mac'Carthy filho. Prometto-lhe não lançar mão desse meio, salvo si não tiver outro recurso.

— Melhor será assim, declarou o ancião; o que resta saber é se eu terei vida que alcance ás audiencias. Portanto, pouco importa, mas, seja por que preço fôr, o que eu quero é poupar Alice. Passo a explicar-lhe tudo, se assim o deseja; gastei mais tempo em consumar o acto do que é preciso para lh'o dizer.

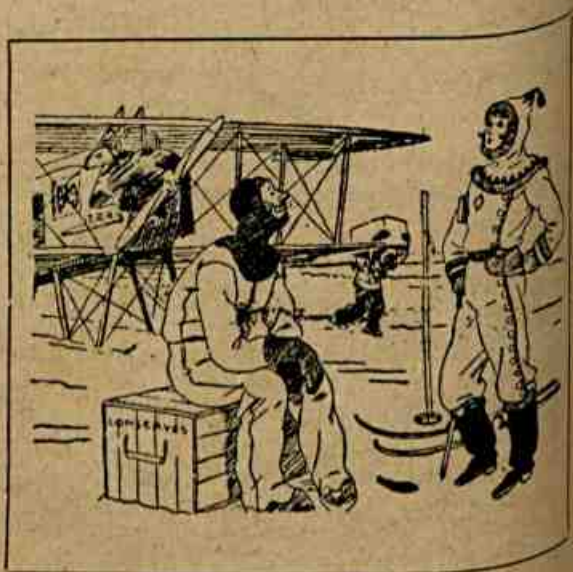
"O senhor não conhece a victima, o Mac'Carthy. Era um demonio em carne e osso, creia no que lhe digo. E Deus o livre de vir jamais a cahir nas mãos de qualquer homem da sua laia! Ha dez annos que peza no meu destino, e deitou a perder a minha vida.

"Nos annos posteriores a 1860, andava eu a labutar nas minas de ouro, da Australia. Muito novo, ardente, e temerario, estava prompto a emprehender fosse o que fosse; fiz parte de uma malta de contraminas, entreguei-me á bebida, cahiu-me em sorte uma concessão improductiva, abalei para o matto e, numa palavra, dei naquillo a que por cá chamam salteador de estrada.

Eramos uma quadrilha de seis, e levavamos uma vida de selvagens, já expolando de tempos em tempos uma estação, já detendo vagons que se dirigiam para as minas.

Eu era conhecido pela alcunha de *Black Jack* de Ballarat, e a nossa quadrilha é ainda hoje conhecida pelo nome de "Quadrilha de Ballarat".

Um dia, chegou a Ballarat um trem com destino a Malbourne. Nós ficamos de atalaia para o atacal-o. Vinha escoltado por seis homens a cavallo e nós eramos seis tambem, de modo que era jogar partida egual. Dos adversarios dos cahiram logo á primeira descarga. Tres dos nossos *boys* foram mortos, ainda assim, antes que pudessemos levar-lhes vantagem.

Apontei o meu revólver a cara do guarda do fourgon, que aconteceu ser o mesmo Mac' Carthy

ESPIRITO DE CONTRADICÇÃO — Emfim! Estamos no pólo norte. Que tal achas isto aqui, querida?
— Não é nada mal. Em todo caso, dizem que o pólo sul é bem melhor.

Oxalá eu tivesse dado cabo delle naquella occasião. Mas poupei-lhe a vida, apezar de perceber perfeitamente que não tirava de cima de mim aquelles olhos damnados com o sentido em gravar na memoria as minhas feições.

Aquelle ouro de que nos haviamos apoderado foi o ponto da partida da nossa riqueza e voltamos para Inglaterra sem que ninguem desconfiasse de nós.

Assim que puz o pé em terra, apartei-me dos meus companheiros de outr'ora e resolvi estabelecer-me definitivamente e levar uma vida tranquilla e respeitavel.

Comprei esta propriedade que tive a sorte de encontrar á venda e tentei consagrar os meus haveres ao bem, afim de compensar o modo porque os havia adquirido.

Casei tambem e, comquanto viesse a enviuvar dentro em pouco tempo, minha mulher deixou-me uma filha, a minha Alicezinha estremecida. Ainda na propria infancia, a sua mão dir-se-ia guiar-me no bom caminho, encetei vida nova e fiz quando em mim cabia no sentido de expungir o passado.

Correu tudo optimamente até o momento em que me appareceu Mac'Carthy.

Tinha eu ido á cidade collocar um dinheiro, quando o encontrei em Regent-Street, apenas vestido e calçado.

— Olá! tu por aqui, Jack, exclamou tocando-me de leve no braço; vamos supprir-te a familia, eu e meu filho; supponho que não deixarás de tomar conta de nós ambos, quando não, a Inglaterra é um formoso paiz, respeitador das leis e onde ha sempre um policia ao alcance da voz.

Não pude obstar a que viessem para o Oeste e apresentaram-se-me em casa, donde nunca mais sahiram, sem pagar aluguel. Desde então, não tornei a ter um instante sequer de socego, de paz, de esquecimento; de cada canto, surgia-me a todo o instante a mascara sonsa e desavergonhada daquelle homem. Muito peor ainda foi quando Alice tornou-se moça, pois não tardou muito em perceber que a coisa de que eu mais me receava, e ainda muito mais que a policia, era a possibilidade de vir ella a saber algo do meu passado.

Via-me constangido a conceder, sem reagir a Mac'Carthy, quanto elle me pedia: terreno, dinheiro, casas; até que por fim me pediu uma coisa que eu lhe não podia conceder: a propria Alice.

Crescera-lhe o filho, e do mesmo modo minha filha, e como soubessem que eu me achava enfermo, Mac'Carthy persuadiu-se de que, graças a semelhante consorcio, o rapaz não tardaria a vir a ser dono da propriedade.

Desta vez, resisti. Não queria que a sua raça maldita se alliasse á minha, não porque eu sentisse a minima antipathia pelo rapaz, mas para mim bastava elle ser filho de tal pae para eu me oppôr ao casamento. Embirrei, puz os pés á parede.

Mac'Carthy ameaçou-me. Desafiei-o a levar por diante as ameaças. Combinamos encontrar-nos á beira da lagôa que fica a meio caminho entre as nossas respectivas residencias, para conversar-mos acerca do negocio.

Quando ali cheguei encontrei-o a falar com o filho; accendi um charuto e esperei, por traz de uma arvore, até que ficasse a sós. Porem, no acto de lhes escutar a conversa, toda a maldade, incubada no meu ser, irrompeu. Ouvi-o a insistir com o filho para que casasse com a minha filha com a mesma falta de consideração pelos sentimentos da pobre pequena, que lhe mereceria para ahi qualquer vagabunda

Senti-me desvairado de todo, ao lembrar-me que, tanto eu como tudo a que eu me affeiçoara neste mundo, estavamos em poder de semelhante homem. E não poder eu soltar-me, por uma vez, daquelles grilhões! Pois não era um homem condemnado com os pés na cova?

São de espirito e forte, quanto ao physico, não ignorava, comtudo, estarem contados os meus dias, mas cumpria salvar o meu bom nome e a minha filha, a um tempo. E sabia que podia alcançar esse duplo fim reduzindo ao silencio aquella lingua viperina. E foi o que eu fiz, senhor Holmes, e não hesitaria em tornar a fazel-o. Por mais graves que hajam as minhas culpas, tenho-as espiado com este meu viver de martyrio; mas o que eu não podia era tolerar que a minha filha fosse arrastada commigo na mesma rede.

Feri aquelle homem com tão pouco remorso como se fosse um animal damninho e peçonhento. O grito que elle soltou levou o filho a retroceder, quando me achava já embrenhado na deveza; apesar disso eu me vi obrigado a voltar para traz para apanhar a manta que na fuga, havia deixado cair. E eis aqui, meus senhores, a narrativa exacta de quanto se passou.

— Em summa! não me compete ser juiz das suas acções, commentou Holmes no acto do velho assignar o depoimento que elle lhe havia extorquido. Permitta Deus que nenhum de nós venha jamais a encontrar-se em semelhante situação!

(Conclúe na pag. seguinte)

NO TEMPO DO DILUVIO — O cão. — Preciso avisar a Noé... Estou certo de que tenho mais de um casal de pulgas sobre mim...

— Deus o permitta, senhor! E agora que tenciona fazer?

— Cousa nenhuma, em attenção ao seu estado. O senhor, pela sua parte, não ignorava que dentro em breve terá que responder pelo seu acto perante um tribunal de categoria superior ao correccional. Guardarei a sua confissão; se Mac'Carthy fôr condemnado, ver-me-ei obrigado a apresental-a, se o não fôr, nenhum lhe tornará a pôr a vista em cima e o seu segredo, quer o senhor esteja vivo, quer haja fallecido, jamais virá a ser divulgado.

— Com que, então, adeus, proferiu solennemente o ancião. Mais tranquillo será tambem o seu passamento, ao lembrar-se do socego que me restitue neste instante supremo.

E a tremer-lhe todo o corpo, sahiu a cambalear.

— Deus nos ajude! proferiu Holmes após demorado silencio. Porque será que a sorte nos prégas destas peças, a nós, vermes infimos e rasteiros? Não posso ouvir falar em negocio d'este teôr sem me occorrer aquelle dito de Baxer, e sem exclamar: "Ai! se não fosse a graça de Deus, era uma vez Sherlock Holmes!"

James Mac'-Carthy foi absolvido nas audiencias correccionaes por motivo das impugnações apresentadas por Holmes e submettidas á defesa. O velho Turner viveu ainda sete mezes depois d'aquella entrevista. Actualmente, comtudo, é já fallecido, e vigoram todas as probabilidades possiveis em como o filho e a filha d'aquelles dois homens vivam felizes um ao lado do outro, sem jamais virem no conhecimento da nuvem negra que lhe obscurece o passado.

(FIM)

No proximo numero, do mesmo autor

A CASA VASIA

O MERYCISMO

MERYCISMO é a faculdade de restituir, á vontade, do estomago, o que elle ingeriu. Um polaco, um tal Regiusky, é um merycista notavel e com as suas façanhas despertou vivo interesse entre os medicos. Seu estomago, de grandes dimensões engole trinta copos de agua que restitue socegadamente em repuxo... Com a agua, Regiusky engole tambem um peixe vivo, que, a seu gosto, regressa da perigosa viagem. Traga dois copos de kerozene, que vomita em jacto, incendiando-o; engole laminas de borracha, tres notas do banco de diverso valor e as restitue uma a uma, as tres notas na ordem pedida pelos espectadores. Submetteu-se Regiusky ao exame radioscopico, fazendo-o engolir baryta, afim que o estomago tomasse côr e os medicos pudessem apreciar as suas façanhas. Verificou-se que o estomago do merycista é dotado de forte musculatura, o que lhe permitte as violentas contracções peristalticas.

Quando engole um corpo solido, o merycista trata de ter seu estomago cheio de agua: assim o corpo estranho não pode descer ao intestino, mas fluctua junto do esophago; e as fortes contracções tornam possivel a restituição. Quando elle engole kerozene, tem o estomago até o meio cheio de agua: o kerozene mais leve, estende-se á superficie e toca nas paredes gastricas num estreito nivel, reduzindo o perigo da sua acção prejudicial. Desse seguro deposito, o polaco se serviu na guerra para levar importantes cartas

NO TEMPO DAS "CRUZADAS" — Com essa mania de pregarem cruzes em tudo... não se sabe mais onde é a ambulancia!

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 38$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 80$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia., 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922 : **Hors Concours.**

A venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados

Fabrica:

FERREIRA SOUTO, S. A.

RUA FONSECA TELLES, 18 a 30 — Rio de Janeiro